NOVELLAE OLIVARUM

ANO XVI NÚMERO 156 NOVEMBRO 1958

CHAMADOS PELO PRÓPRIO NOME — Fernando Micael 274

O PROBLEMA DE JESUS — António Henrique 277

O PROBLEMA RURAL — Altino Almeida 287

A PROPÓSITO DA NOSSA CATEQUESE — Albino Cleto 295

CRÓNICA — Diamantino Marques 300

BIBLIOGRAFIA — Fernado Bello 302

TERESA NEUMANN — António Serrão 304

ARTIGOS RELIGIOSOS PARA REVENDA E PROPAGANDA

Casa de S. José - Porto

(Fundada em 1896)

VISITAI ESTA CASA, APRECIAI O SEU SORTIDO E CONFRONTAI OS SEUS PREÇOS!
DESCONTOS ESPECIAIS PARA AS MISSÕES CATÓLICAS

168, Rua das Flores, 170 — Telefone: 2 28 86

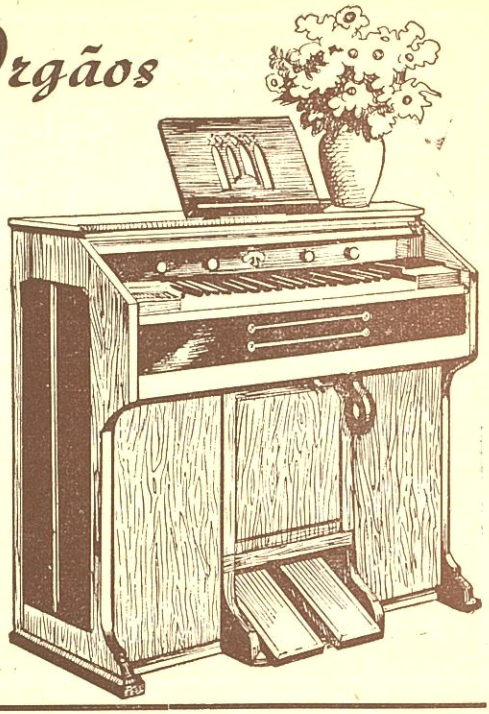
NOVELLAE OLIVARUM

Director — FERNANDO MICAEL
Redactores — AVELINO PINTO — ANTÓNIO SERRÃO
Administradores — ANTÓNIO DOS REIS — JOÃO DO NASCIMENTO
Proprietário e Editor — ADALBERTO R. FONTES

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Tipografia - Escolas Profissionais Salesianas - Oficinas de S. José - Lisboa

Harmónios - Orgãos



Abel
Estey
Kasriel
B. A. W.
Lindhölm

E DE OUTRAS FAMOSAS MARCAS

VENDAS A PRONTO OU COM FACILIDADES
MODELOS PORTÁTEIS PRÓPRIOS PARA
COLÉGIOS. SEMINÁRIOS, CAPELAS, ETC. ETC.

Valentim de Carvalho, L.da

95, RUA NOVA DO ALMADA, 96 - LISBOA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Exa. Revma. o Sr. Bispo do Porto

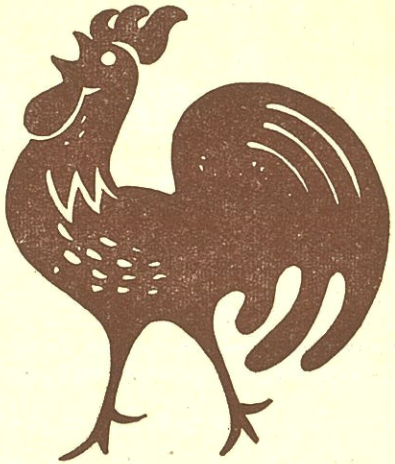
PORTO
RUA INFANTE D. HENRIQUE

LISBOA
ROSSIO, 93-2.º

NA CATEQUESE • NA ESCOLA • EM SUA CASA

Aparelhos de Cinema e Projecção fixa

FILMES E
DIAPOSITIVOS
CULTURAIS
RECREATIVOS E
RELIGIOSOS



Consulte... Sempre...

PATHÉ - BABY PORTUGAL, L.DA

R. S. NICOLAU - 22 - LISBOA - R. S. CATARINA - 315 - PORTO

SAMPEDRO

M. d'Oliveira & Marques, L.da

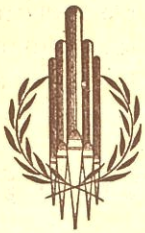
Praça dos Restauradores, 13
Telef. 30876 - 366972 - **Lisboa**

SECÇÃO DOS TECIDOS PRETOS R. M.

- Tecidos para o Rev.º Clero e seminaristas
- Elasticotines — Sarjas — Tropicais — Casemiras — Merinos — Sobretudos
- Alfaiataria — Capas — Gabardines
- Condições especiais para Finalistas

SECÇÃO DE LIVRARIA

- Livros estrangeiros - Edições próprias
- Revistas estrangeiras: Lumen Vitae, Foyer Notre Dame - Famille et College-Ecclesia-Panorama Chrétien, etc.
- Filmes fixos e de movimento: (Catequese — ensino - diversão)
- Máquina de escrever 'Antares Micron'
- Máquinas de Projecção



ORGÃOS PARA MÚSICA SACRA

WURLITZER ORGAN

O órgão aprovado pelo

VATICANO

Casa Ruvina

RUA FORMOSA, 173 — PORTO

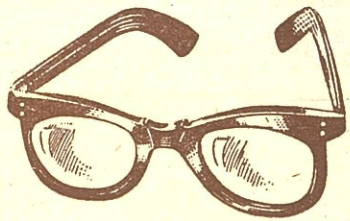
DEFENDA A SUA VISTA

USANDO LENTES E ARMAÇÕES DE 1.ª QUALIDADE

CASA ESPECIALIZADA NA EXECUÇÃO DE RECEITAS MÉDICAS

ÓCULOS, ESTOJOS, LUPAS, BINÓCULOS, TERMÓMETROS, BARÓMETROS, ETC.

CONCEDEMOS O DESCONTO DE 40° o A TODO O EXMO. CLERO E FAMÍLIA



OPTICAL, LDA.

PORTAS DE STO. ANTÃO, 30 - 2º - TELEFONE 367762 - LISBOA

(ANTIGA RUA EUGÉNIO DOS SANTOS)

Cem anos!

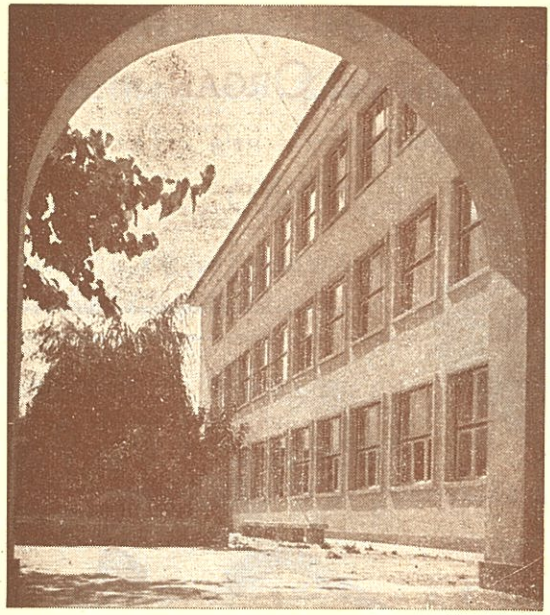
Velas de Cardigos

J. d'Oliveira Tavares, Filhos

Telef. 5 - B. Baixa - CARDIGOS

Casa antiquíssima preferida pelo Ex.mo Clero do Continente, Ilhas e Províncias Ultramarinas. Primeiros fabricantes das velas de Cardigos cujas fábricas foram fundadas em 1850!

Premiada em 7 exposições: 4 estrangeiras e 3 nacionais



AQUI TENDES UM ASPECTO DO MAGNÍFICO COLÉGIO DE *S. JOÃO DE BRITO* MAIS UM BELO CARTAZ DAS TINTAS

SILEXORE

E

DAS IMPERMEABILIZAÇÕES

CHALLENGE

CUJOS TRABALHOS ESTIVERAM A CARGO DA FIRMA

V.T. MARTINS

RUA DA PRATA, 59 - 3.º - ESQ.
TELEFONE 2 86 90 - LISBOA

Ourivesaria Aliança

Verdadeiro atelier de arte, conhecido no País e estrangeiro

As mais especializadas oficinas para esmerada confecção de todos os objectos do culto católico

Rua das Flores, 119 - 121 - PORTO — Rua Garrett (Chiado), 50 - LISBOA

"NOVELLÆ OLIVARUM" UNIDA AO REGOZIJO DA IGREJA UNIVERSAL, AGRADECE A DEUS NOSSO SENHOR O NOVO PAPA QUE NOS CONCEDEU, AO MESMO TEMPO QUE PROTESTA A SUA FILIAL DEVOÇÃO A SUA SANTIDADE JOÃO XXIII

CHAMADOS PELO PRÓPRIO NOME...

Palavras proferidas na sessão solene realizada no Seminário dos Olivais em 18 de Novembro de 1958, celebrando o vigésimo nono aniversário da escolha de Sua Eminência Reverendíssima o Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira para Patriarca de Lisboa.

Há precisamente vinte e nove anos, foi dado um novo Bispo à Igreja de Lisboa, e nesse dia todo o Patriarcado se sentiu rejuvenescer com a juventude d'Aquele que fora chamado a ser fonte da sua vida. Foi um deslumbramento. O Pastor conquistara já o coração da diocese no ano escasso em que foi precioso auxiliar do Cardeal Mendes Belo; era por isso amado e admirado por todos quantos iam passar a ser seus filhos. Ganhara prestígio pela virtude e pelo saber. nos anos de Coimbra e fascinava a todos com a sua presença tão simples, tão gentil e tão paternal.

Os problemas e dificuldades que se levantaram por todo o Patriarcado, eram contudo árduos e numerosos. Acabava-se de atravessar uma crise política e espiritual demasiadamente longa, que tinha sido o resultado das vicissitudes dos últimos cento e cinquenta anos e que por isso deixara vincos profundos nos homens e nas instituições. Criara-se um estado de desprestígio, de desorganização, de descristianização, e o que ainda é mais sério e profundo, tinha-se perdido o sentido do ideal. Havia, é bem certo, o desejo de uma renovação, sentia-se a necessidade de acreditar, de voltar a ver sorrir a esperança, de lançar as bases de uma vida de maior amor. Mas faltava o incentivo, o estímulo concreto que viesse desencadear essa nova força por que todos ansiavam. A chegada do novo Bispo que fora paladino dessa mesma renovação, desse homem que soubera marcar desassombradamente uma posição cristã perante a vida, revendo à luz de Deus os problemas vitais dos seus contemporâneos e proclamando com autoridade e competência a primazia de Deus como fim e bem último dos homens, o reinado de Cristo como aspiração de todos os cristãos, a chegada desse novo Bispo com precedentes que tão bem quadravam com as necessidades da diocese foi tida como uma grande bênção de Deus.

Chegava o homem capaz de apontar esse ideal tão desejado, revestido da autoridade necessária para o apontar como caminho a seguir, ornado com dotes excepcionais para o tornar deslumbrante, atraente, irresistível.

Começou então a obra gigantesca de Sua Eminência, e durante vinte e nove anos benditos, a vida tem começado a animar os diversos sectores de todo o Patriarcado. Seria difícil tentar fazer o ponto de toda esta actividade maravilhosa. Deixo essa tarefa par quem se julgar capaz, e neste momento aproveito a opor-

tunidade para reflectir um pouco sobre o que toda a acção do Senhor Cardeal Patriarca tem de comum.

Penso que pode subordinar-se ao conceito da vocação trazida pelo Bispo à sua Igreja. Ao anseio de vida e ideal que em todos se fazia sentir, respondeu o Bispo com o chamamento. O nosso Bispo chamou o Patriarcado em nome de Deus pelo seu próprio nome.

O chamamento foi em nome de Deus. Deixou as letras, os estudos, as investigações mais ou menos profanas. Passou a só falar de Deus, em nome de Deus. Falou da fé, da dedicação, do amor, do ideal, da consagração, da entrega. Tornou-se o cantor de Cristo como ideal de cada homem, da Igreja como nossa Mãe. Fez-se ouvir a voz de Deus como chamamento. O Bispo tem sido o aruato, o profeta de Deus no meio de nós. A Igreja diocesana reunida em torno do seu báculo conhece a sua voz, sabe que é o Bom Pastor.

E o Bom Pastor conhece as ovelhas chamando-as pelo seu próprio nome. Não tem sido uma vocação vaga à santidade, à vida de Deus, não. Cada homem tem ouvido o seu próprio nome pronunciado, tem sentido como essa chamada pede uma resposta, como cria uma responsabilidade. Sua Eminência tem sido sobretudo para os homens e mulheres que se consagram directa ou indirectamente à irradiação do seu sacerdócio, uma ocasião de se encontrarem com Deus.

Porque se tem vivido este diálogo tão pessoal de Deus com os homens, porque se tem fugido ao anonimato das soluções em série, porque temos ouvido o chamamento como homens responsáveis e não como diminuídos a quem cumpre a mecânica execução duma tarefa, como à estrutura se tem preferido a responsabilidade pessoal, e ao enquadramento cego e asfixiante de toda a actividade em fórmulas pré-fabricadas a iniciativa obediente e generosa, como Bispo tem querido chamar a diocese e cada um de nós, pelo nosso próprio nome, o encanto da primeira hora tem continuado.

Sua Eminência é para nós dia a dia o profeta de um ideal que estamos necessàriamente, ainda muito longe de atingir. Mas porque ideal, tem enchido o nosso coração, tem iluminado o nosso dia a dia.

Esta luz é uma grande graça de Deus, mas no nosso caso de portugueses há tantos anos ansiosos de quem nos apontasse um caminho, envolve o perigo tremendo de ficarmos deslumbrados. Tanta luz, tanto brilho, entusiasma-nos, e ficamos a admirar, contentes e reconhecidos com a grande graça recebida. Sabemos por onde ir, melhor, ouvimos dia a dia o chamamento, a vocação magnífica do nosso Bispo e admiramos a beleza da Sua palavra, a oportunidade da vocação. Reunimo-nos e celebramos a nossa alegria, e congratulamo-nos familiarmente.

Há duas maneiras de corresponder à vocação. Uma é só admirar, outra é admirar e corresponder também com a acção. É por isso que comemorar os vinte e nove anos da vocação com que Deus chamou a Igreja de Lisboa, significa termos a responsabilidade dessa mesma vocação. Foi o bispo quem chamou, mas quem vamos somos nós, Igreja de Lisboa. Para tal, meditamos profundamente a palavra ouvida, tomamos consciência dela para além do seu encanto, aceitamo-la com todas as

suas implicações, e caminhamos. Caminhamos na certeza de que temos um ideal apontado que chega para encher toda a vida.

Precisamos de tomar consciência da distância que medeia entre o ideal e a organização da vida em consequência. Cabe-nos de momento um trabalho de responsabilidade proporcional à vocação magnífica que escutámos; organizar a vida conforme essa vocação. E esta é a nossa tarefa, que se nós não fizermos ninguém fará.

Que se a diocese não fizer, ninguém fará. A diocese será incapaz de caminhar se nós, seus orientadores não nos clarificarmos com essa luz. A nossa união com Sua Eminência vai ao ponto de penetrarmos o seu pensamento, de o fazermos nosso para sermos colaboradores íntimos do seu sacerdócio, capazes de no que nos tocar, organizarmos as coisas de modo a que se torne realidade, o objectivo da missão de que o nosso Bispo nos vier a incumbir.

Aliás, no caso concreto de Sua Eminência Reverendíssima, o trabalho está notàvelmente facilitado. O princípio básico de toda a pastoral que assenta na verdade de todo o homem ser alguém a responsabilizar, dá-nos a linha mestra do pensamento do nosso Patriarca. Responsabilizar os homens em função do chamamento de Deus, para comunicar a Sua vida. É essa palavra, é essa vida quem chama. no meio dos homens para os chamarmos em nome de Deus, para os chamarmos com a palavra e a vida de Deus. Não é a nossa palavra nem as nossas ideias ou projectos ou pontos de vista, nem é a nossa vida. Nós estamos para falar a palavra de Deus, para comunicar a sua vida. É essa palavra, é essa vida quem chama. Depois aceitarmos a responsabilidade dos outros. Aceitarmos que são capazes de responder, que são eles quem tem de responder. Organizarmos essa resposta sem nos substituirmos aos outros, desaparecendo inteiramente, sendo humildes, pacientes, acreditando que Deus é tão grande que a todos deu um pouco de boa-vontade e de aptidão. Sua Eminência a cada passo repete estas verdades.

Tomando-as em mãos, daí partirá uma pastoral em união com o Pastor, uma pastoral profundamente cristã e eficaz. Assim terão os leigos, os religiosos e os padres o seu lugar funcional dentro da Igreja. Assim se rejuvenescerá a diocese, com a vida nova que dão os corações que se entregam e se realizam. Assim seremos cooperadores do ministério do nosso bispo.

Se me permitísseis uma reflexão pessoal, diria que só uma vida responsabilizada, que se pode viver sejam quais forem os condicionalismos e as circunstâncias, porque parte sobretudo de dentro de nós próprios, nos permitirá sermos capazes de um dia acreditarmos a responsabilidade dos outros, deixando um lugar para ela.

Ao celebrarmos os vinte e nove anos do dia bendito em que o senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira, nosso querido Patriarca nos foi dado, agradecemos a Deus Nosso Senhor o Bispo que nos deu, fazemos votos pelas prosperidade de Sua Eminência, desejando de todo o coração que continue por muitos anos a chamar-nos pelo próprio nome, e tomamos como nossa a responsabilidade que graças a Deus criou em nós.

FERNANDO MICAEL

O PROBLEMA DE JESUS

I — O MISTÉRIO DE CRISTO

Tentativa ousada a de exprimir em poucas linhas a realidade tremendamente complexa do mistério de Cristo — mistério duma Pessoa, mistério duma mensagem, mistério duma vida...

É um facto que uma nova existência, a de Cristo, informou a história e fez dela uma história de salvação, e os homens colocados neste mundo de Deus jamais passarão incautos diante da Cruz. Ela é o sinal de Deus e Deus é de tal modo penetrante que nem a absorvência ou má vontade O fazem passar despercebido. Por regra Deus só se esconde aos obstinados.

Cristo veio, trazendo-nos novas exigências, novas certezas, novos rumos. O Pai falou — «...a Encarnação é o apelo dirigido ao homem pelo Pai, a participar na vida do Filho pelo dom do Espírito Santo...»;(1) é a regeneração da humanidade adúltera, a grande infiel ao amor de Deus; é a resposta do «Deus Fiel e Misericordioso»...

À revelação cósmica e à Aliança Antiga veio juntar-se o testemunho vivo de Deus que se fez Homem. O Verbo fez-se carne; eis todo o mistério duma presença em que se associam misteriosamente o mistério de Deus e o mistério do homem.

A mais disfarçada basfémia destes últimos tempos está na rejeição de Cristo por se desconfiar da Omnipotência de Deus e por se teimar em delimitar a amplitude do poder divino. Já S. Paulo se referia à loucura e ao escândalo da Cruz...; até nisto os homens de hoje se não podem arrogar a glória duma descoberta. As páginas do Evangelho testemunham uma mensagem sobejamente insólita e audaciosa para causar escândalo aos espíritos periféricos e dissolventes, resistindo, porém, a todas as críticas aventurosas — não trouxesse ela a marca de Deus, não fosse ela, de certo modo, o próprio Deus. A mensagem de Cristo redunda essencialmente na Sua Pessoa. Ele constituiu-se o seu objecto, o seu centro e com tal vigor que se proclama o único caminho, a única verdade, a única vida e exige ciosamente, divinamente, uma dedicação absoluta e incondicionada, não fosse essa a única maneira digna de responder a Deus.(2)

Assim posto, o problema de Cristo adquire novas ressonâncias: mais do que aderir-lhe pela inteligência é mister realizá-lo na vida. A propósito da morte do Senhor lembra repetidamente S. Paulo que devemos reproduzi-la em nós, crucificando-nos para o mundo e vivendo como ressuscitados.(3) Mas reconhecemos que tal posição é pouco aliciante para a mentalidade hodierna habituada a criar abismos entre a inteligência, a vida e a fé, e a sacrificar tudo para «salvar» (entenda-se divinizar) o próprio homem. Acresce ainda que ignoramos o que seja o «Risco» e a história do mundo desde a criação à Redenção é um grande risco de Deus...

II — O CAMINHO DA FÉ:

O caminho da fé não é essencialmente um caminho de angústia, de ausência, de obsessão — Deus dá-se mesmo sem jogar «às escondidas» — e os casos são tantos como os homens. Há, contudo elementos imutáveis na génese e processo evolutivo da crença, como sejam um dinamismo interior ao homem que o faz tender para o absoluto, que o determina a procurar o sentido vivencial da sua existência, e o dom de Deus que libèrrimamente se comunica iluminando as mentes e decidindo as vontades. A própria experiência confirma que a fé é radicalmente um dom e não o resultado feliz de concludentes premissas ou do laborioso esforço humano: a informação vital, totalitária, num clima de transcendência, de renúncia e de correcção, que a fé implica, não cabe dentro da lógica dos silogismos. Escreve Karl Adam sobre o problema de Cristo:(4) ...«é incontestável que a sã razão humana trabalhando ùnicamente com os seus próprios recursos, conduzida segundo um método verdadeiramente científico, (...) incitada pelo sentimento religioso é capaz de encontrar a respeito de Jesus soluções certas. Pode mesmo levar até à evidência, a confiança que devemos conceder à Sua Pessoa (...). É exacto, que perante esta evidência, a consciência é directamente solicitada a decidir-se por Cristo(...). Por outro lado, o homem sente necessidade da força libertadora da graça para se desfazer dos seus laços terrestres, da rede das suas imagens e dos seus desejos sensíveis que têm cativo o seu espírito, para obter esta imparcialidade de juízos que o põem em estado de se pronunciar livremente a favor de Cristo e do seu reino...» Não disse tudo, também o cremos, mas o Evangelho parece estar por ele: «ninguém vem a mim se o Pai que me enviou o não atrair». (João 6/44. Cfr. João 6/37-39, 66 e ainda Efés. 2/18).

É Deus quem provoca o Encontro..., só espera o diálogo. Terá esta geração de críticos, com quem seguidamente contactaremos, abordado o problema de Cristo sem prevenções e com respeito religioso perante a simples possibilidade de se cruzar com esse «Outro Encontrável»?

III — O CRISTO MUTILADO DA PSEUDO-CRÍTICA — AS SOLUÇÕES.

1 — Não é meu intento fazer a história das oposições que o Cristianismo encontrou ao longo dos séculos, mas só, embora sucintamente prestar um pouco de atenção à obra demolidora do racionalismo e verificar com o P.e Leôncio de Grandmaison S. J. (Jésus Christ, sa personne, son message et ses preuves — 2 vols.) a insustentabilidade dalgumas das suas pretensões.

Dois factores contribuíram decisivamente para uma viragem no panorama religioso dos séculos XVI e seguintes: O humanismo pagão e a revisão dos valores religiosos atiçada pela Reforma. É nesta crise de fé dentro do próprio cristianismo, a perturbar a posse tranquila da verdade durante tanto tempo que radica fundamentalmente esta instabilidade e desorientação na crítica dos Evangelhos.

Lutero, o monge exaltado da Turingia, joguete dum temperamento ambicioso e duma natureza rebelde, angustia-se e desespera no meio do desconcertante antagonismo dos imperativos interiores — situação deveras comprometida pelo descontrolado acatamento do ideário Ocamista. Depois de estatuir as novas bases das inter-relações de Deus e dos homens e de fazer sossobrar o tradicional dogma do Pecado e da Graça acantona o homem entre as talas desesperadoras do apelo dum céu distante e duma natureza impotente essencialmente corrupta. Desvenda então ao mundo o «magnum mysterium»: a justificação passiva. Cristo, parafraseando as palavras de Joseph Duhr, deixa de ser o espírito vivificante de S. Paulo, passando a ser um pára-raios contra a ira de Deus. A religião, que devia ser principalmente uma «vida», reduz-se a um simples expediente pelo qual se pode granjear para a alma a tranquilidade e a paz.

Fácil se torna o reconhecimento daquilo que em Lutero podemos chamar o constitutivo dinâmico da actividade religiosa: «Le contact direct établi entre Dieu et l'Homme para la grâce et realisé par la foi du chrétien, qui entraine l'affranchissement de toutes les dominations metaphysiques: Colère de Dieu, Loi, Mort, Diable, Enfer et de toutes les tyrannies ecclésiastiques de la hiérarchie, de ses moyens de grâce, etc... L'Eglise communion des croyants attaché à la parole de Dieu, seul organe de l'Esprit divin, subsiste comme réalité éffective mais invisible...».(5)

Subjectivismo e liberalismo encoberto sob a capa de um religioso acatamento das emoções internas de Deus; eis uma ousada planificação cujos danos emergentes vão ser incalculáveis.

Assim, a época que se segue vai ser fortemente caracterizada por um certo inconformismo com todo o controle autorizado e com os valores tradicionais, pela emancipação da tutela das potências transcendentes, enfim pela consequente idolatria do homem. É sem espanto, pois, que notaremos uma constante no trabalho indefesso dos doutrinadores racionalistas: a rejeição do sobrenatural. Com um despudor sem precedentes apregoaram-se defensores da liberdade científica contra «a influência tiranizante da dogmática cristã — conservantismo abusivo, degradante e estéril». — Desta porfiada peleja resulta uma ironia, uma das tantas que a vida nos reserva. Mesmo aos mais inadvertidos espíritos não passará despercebido em toda essa literatura revolucionária um tendencioso expediente que, qual feitiço, se vai virar contra o feiticeiro. É que todo este jogo arquitectural denuncia um dementado orgulho, um fanatismo subserviente que para eliminar os dogmas dogmatizou falsos axiomas. Em função deles, mais do que da documentação histórica se ditam todas as soluções ainda que para isso seja preciso propor supostas datas, torcer os textos, dissecar as obras e às vezes arredar sem critério tudo o que é incomodativo. Embora comuns as intenções nem por isso nos arraiais da crítica racionalista reinou sempre a harmonia. Assaz demonstrativo é o insuspeito testemunho de Loisy, frente à fatuidade das sistematizações então em voga: «...A teologia contemporânea se exceptuarmos a dos católicos Romanos entre os quais a ortodoxia tradicional tem força de lei, é uma verdadeira torre de Babel onde a confusão das ideias é maior que a diversidade das línguas»... Impossível ser-se mais exacto e tão breve!

Não lhe negando interesse, reconhecemos no entanto ser um tanto fastidiosa a exposição pormenorizada das diversas soluções do Problema de Jesus. Mais que as apreciações escandalizadas de Celso(5) e Porfírio(6) ou as fanáticas criações do judaismo(7) interessa-nos sobremaneira atender ao racionalismo destes últimos séculos e detectar aquilo que nele existe de mais especioso, refinado e virulento.

A obra de Reimarus (1768) «Apologia e defesa dos adoradores racionais publicada pòstumamente em fascículos, constitui na expressão de Alberto Schweitzer «la grande ouverture ou tous les motifs de la future recherche sur la vie de Jésus résonnent déjà»: o ataque metódico à inserção do sobrenatural na História, e um esboço de explicação das origens do cristianismo (desfiguração apostólica dos reais objectivos de Jesus — um grande demagogo político transformado em profeta após o fracasso do Calvário). Processo excessivamente simplista que não fez fé mas deixou rasto...

O «historicismo crítico» aplicado por Semler (+1791) aos Evangelhos apontou o caminho a H. Paulus (1761-1851) professor em Heidelberg. Por táctica não duvida dos factos mas da sua interpretação. Ele mesmo se propõe reconstruir «a verdade» evangélica, sobretudo perante as narrativas miraculosas — as mais indesejáveis — tentando uma explicação naturalista. Assim, as ressurreições teriam sido um simples despertar de estados letárgicos, a multiplicação dos pães uma distribuição caridosa de todos os haveres à exemplo do Mestre e seus discípulos. Enfim, coincidências felizes, alto poder de sugestão, uso de ingredientes de virtude extraordinária; nisto se cifra o poder taumatúrgico de Cristo.

Paulus não venceu nem convenceu. O método racional-naturalista radicalmente ingénuo não tardaria a ser substituído pelo racional-idealista de inspiração hegeliana, criado por David Strauss (1808-1874). Uma vez que o progresso religioso e seus fautores têm necessàriamente de ser enquadrados no progresso da «Ideia» na longa caminhada para a sua «auto-consciencialização», Jesus não passará dum «momento» porventura dos mais notáveis, mas um «momento» desta evolução. Para muitos dos fiéis discípulos de Hegel, Cristo terá sido uma incomparável realização da «Ideia». Edward Caird no seu livro «Evolution of Religion (1890-92) o mais brilhante ensaio de conciliação entre a transcendência da religião e da Pessoa de Cristo como o dogma hegeliano do desenvolvimento homogéneo afirmará sem rebuço: «le Christ est divin justement parce qu'Il est le plus humain des hommes, l'homme dans lequel l'Esprit qui anime toute l'humanité a trouvé son expression la plus complète»...(8)

Strauss, menos confiante e mais radical, tenta integrar o Mestre na grande corrente panteísta e redu-lo a uma personagem esfumada embora não conste que duvidasse da sua existência histórica. Todo o trabalho de Strauss tenderá a substituir na vida de Jesus os factos reais por aquilo que ele chama mito evangélico, isto é, concepções do ideal religioso posteriormente traduzido em termos de história. O Cristo transcendente é uma criação mítica da fé primitiva consignada nos Evangelhos que nasceram pelos fins do segundo século. É obra da crítica separar

o mítico do histórico superando todas as dificuldades que possam advir, à base do processo discriminativo por ele idealizado: É mítico

1 — tudo o que reveste carácter miraculoso ou contrário à lei da evolução histórica;

2 — os factos correspondentes a anteriores conceitos religiosos (confirmação de profecias, esperança messiânica, etc.).

3 — passagens poéticas e oratórias e ainda as narrações divergentes.

Entusiasta também do sistema hegeliano, F. Cristiano Baur (1792-1860) adopta posições em absoluto divergentes das de Strauss. Descobre engenhosamente nos escritos neo-testamentários, as bases para a constituição do cristianismo a partir do processo dialéctico. Eis como arquitectou a tríade famosa: um primeiro partido onde pontificava Pedro ladeado por Tiago e João, de tendências particularistas e judaizantes (**tese**) opondo-se à corrente helenística-cristã chefiada por Paulo (**antítese**) e por fim o compromisso conciliador entre ambos para fazer face ao gnosticismo nascente (**síntese**).

O fundador da Escola de Tubinga para não ser ridículo cria a necessidade de ser coerente. Torce mas não quebra. Faz tábua rasa das mais indiscutíveis certezas para servir a sua lógica e está sempre pronto a taxar de tardio ou apócrifo o que parece irredutível à sua fantasia. É afinal um mau crítico.

A culminação dramática desta vaga destruidora está no radicalismo de Bruno Bauer (1809-1882). Começando por rejeitar a historicidade do IV Evangelho não tardou a pôr em dúvida o valor documental dos Sinópticos e a própria existência física do Senhor. Ao invés de Strauss, fazia do mito o produtor da sociedade cristã — fusão habilidosa do estoicismo e do judaismo helenista.

Se outro mérito não tem, cabe fazer justiça à sua coragem que o levou até ao fim.

A Teologia protestante começa a mover-se entre os quadros apertados duma receosa aceitação do pensamento coevo e uma comprometida acomodação à aparente fraqueza dos fundamentos da fé tradicional.

Vem a propósito falar do Protestantismo Liberal cujos mais lídimos representantes são Augusto Sabatier (1902) e Adolfo Harnack (1851-1930). Este último distinguiu-se por uma invulgar concepção da Cristologia. Jesus teria sido um mero homem, consciente da sua transcendência sente-se chamado por Deus a transmitir ao Mundo uma mensagem imprescritível, toda ela fundamentada no sentimento da paternidade divina. Ele é o Eleito, o Messias, o Arauto do Reino de Jesus — reino todo interno fundado no mais íntimo dos corações... «Como tomou Jesus consciência da sua força e da sua impar escolha, é um mistério que psicologia alguma poderá explicar»... (Adolph Harnack — L'Essence du Christianisme), e continua ...«Le Père seul et non le Fils fait partie intégrante de l'Evangile tel que Jésus l'a prêché...». Comenta o P.e Grandmaison numa forma lapidar: «Il faut croire pour être sauvé à ce que dit le Fils, il n'est pas indispensable de croire au Fils...» Pouco importa o que foi ao certo Jesus, se Ele para mim é uma valor religioso, decisivo.

Note-se que afirmar a filiação objectiva, que não só moral, é segundo Harnack

«ajouter quelque chose à l'Évangile... mais qui accepte l'Évangile et s'éfforce de connaître celui que l'a apporté, témoignera qu'ici le Divin est apparu, aussi pur qu'il peut apparaître sur la terre et il sentira que Jésus lui-même fut pour les siens la puissance de cet Évangile...». Concilie quem puder a antinomia!

Erudição não lhe falta mas franqueza — o mal era geral. Renan que se declara ele mesmo irredutível à Escola Liberal retrata à maravilha a fé desta: «admitem certamente um Jesus histórico e real mas o seu Jesus histórico não é um Messias, nem um profeta, nem um judeu. Não se sabe o que quis, não se compreende a sua vidanem a sua morte. Jesus é um «eão» a seu modo, um ser impalpável, intangível. A história pura não conhece seres deste estilo...». Não discutimos se Renan afinal merece ou não as mesmas recriminações, interessa-nos sim que ao menos a clarividência desta observação é digna de louvor...

Retomando parcialmente as conclusões de Bruno Bauer, W. Wrede, (1901) minou a pequena base objectiva que a Escola Liberal deixara à historicidade de Jesus: «la critique liberal s'appui surtout sur Marc. Si seulement elle l'avait lu! Wrede ne manque pas une occasion de montrer à quel point, d'après Marc, Jésus, est un être surnaturel, à quel point sa mission est divine, son action mystérieuse, sans que rien marque un progrès ou un changement dans son esprit, de sorte qu'il y a déjà dans Marc beaucoup de la doctrine du quatrième évangile...» (Lagrange, «Le Sens du Christianisme», pág. 228-229). Por isso Wrede supõe que no próprio evangelho de Marcos a figura de Jesus histórico foi sobreposta à de Jesus dogmático e o enlace entre ambas obtido mediante o artifício do «segredo» que Jesus teria conservado durante certo tempo a propósito da sua qualidade de Messias.(9)

Começa entretanto a delinear-se uma nova orientação exegética firmada no confronto dos ensinamentos de Cristo com a apocalíptica contemporânea sobretudo judaica. Timóteo Colani, protestante francês e professor em Estrasburgo, com o livro «Jésus Christ et les croyances messianiques de son temps» ensaia os primeiros passos dum movimento cuja perfeita maturação só será conseguida com G. Baldensperger. Weiss e A. Schweitzer. J. Weiss ainda quando lecciona em Gottingue (1892) publicou um trabalho acerca da «pregação de Jesus sobre o Reino de Deus» que viria a ter um retumbante sucesso em França e principalmente na Inglaterra. Cristo teria sido, diz, um produto do seu tempo e do seu meio, esperando ansiosamente a destruição do império do mal e o advento iminente do Reino de Deus, do qual se fez arauto infatigável. Mas o tempo e os homens pareciam unir-se para lançar o descrédito sobre a sua mensagem. É então que o seu zelo exaltado o convence a expor-se à morte para depois, nimbado de glória vir sobre as nuvens do céu a julgar os homens e a estabelecer um reinado de Justiça sobre a terra.

Schweitzer com a tese da «escatologia consequente» ousa repôr na ideia escatológica o móbil de toda a conduta do Senhor que não só da sua doutrina.

Se, apesar das reconhecidas arbitrariedades do seu método esta Escola foi aceite com notável simpatia, contudo, deixava muito a desejar quanto à explicação do êxito do cristianismo no mundo greco-romano. Nesta reserva entronca a formação duma teoria: a comparatista, também conhecida por «evolucionismo sincretista».

Não é uma reconstituição fac-similar de Tubinga. Embora com idênticos objectivos, os comparatistas pretendem determinar quais os elementos originais e adventícios por uma «comparação» metódica do Cristianismo com as demais formas religiosas existentes ao tempo e susceptíveis de o influenciar.

Tão pouco as pretensões da nova escola se resumem a uma diminuta assimilação de conceitos ou termos da filosofia grega; mais que isso, reportam-se a uma influência, directa ou mediante o judaismo da diáspora, dos cultos mistéricos. S. Paulo, é frequente afirmarem-no, deve ser tido por o grande artífice da estrutração conceptual da religião Cristã.

Esperando que num artigo posterior seja analisado o pensamento modernista, terminamos por aqui esta já longa exposição sem deixar todavia de tirar uma conclusão: é nesta escandalosa multiplicidade de extravagâncias servidas por fraudulentos processos e duvidosas intenções que está a mais irrefragável prova a favor da única solução, que aliás também foi a primeira.

IV — A SOLUÇÃO:

O estudo sério das fontes sagradas, da recta filosofia do milagre e da integração da mensagem evangélica nos seus antecedentes bíblicos é por si a melhor contestação oferecida aos nossos detractores. Confiando que sejam assuntos amplamente conhecidos dos nossos leitores e na impossibilidade de os abordar como convinha, vamos tentar expor sumàriamente alguns aspectos subsidiários da contradita oposta ao **Miticismo, Escatologismo** e **Sincretismo** pela exegese católica encarnada na pessoa do P.e Grandmaison que desde o início nos tem guiado.

1) A ESCOLA MÍTICA

Strauss, o grande teorizador e o mais alto expoente da Escola Mítica, com impressionante franqueza confessa que se pudesse acreditar nos limites cronológicos vulgarmente assinalados para a composição evangélica, todo o seu sistema ruiria.

Ele mesmo, pois, nos aponta o caminho. De propósito nos desviamos para obviar a possíveis dificuldades que certamente surgirão — tão profundo e e deletério foi o influxo da sua ideologia. Na sua base, como oportunamente notámos está a poderosa influência modelante das concepções hegelianas tendentes a explicar os factos mais notáveis a partir de «ideias-força» e as figuras mais preponderantes por personificações de ideais colectivos.

A Escola sociológica francesa veio dar certo fundamento a esta tendência pela concepção dum novo tipo criador: a colectividade. Durkeim, no seu livro «Les formes élémentaires de la vie réligieuse» (Paris 1912), expõe deste modo o seu revolucionário pensamento: «La société n'est nullement l'être illogique ou alogique qu'on se plaît trop souvent à voir en elle. Tout au contraire, la conscience collective est la forme la plus haute de la vie psychique(...) Placée en dehors et audessus

des contingences individuelles et locales elle ne voit les choses que par leur aspect permanent et essentiel qu'elle fixe en des notions incommunicables(...). La Société dispose, précisement, d'une puissance créatrice qu'aucun être observable ne peut égaler. Elle n'est pas un être nominal et de Raison mais un système de forces agissantes une réalité supra-individuelle, mais donnée dans l'expérience...».

Será que os homens na ordem do pensamento e da acção sejam células que adquiram personalidade pela sua união em sociedade?; que desta união nasçam faculdades ou potências que não teriam advindo doutra maneira?; que acima e fora do pensamento individual se tenha de admitir um superpensamento, distinto, com a sua idiosincrasia própria, incomensuràvelmente acima dos homens, como singulares mas estruturalmente dependentes deles? No rigor da lógica parece que somos levados a estes extremos...

Mas o problema da «colectividade criadora» não terá base alguma de realidade?

Temos de reconhecer-lha, evidentemente. Na colectividade há, efectivamente, uma força invulgar que pode por vezes ser maior que a força adicionada dos indivíduos e que pode também definir determinadas ideias que só num clima de exaltação colectiva se impõem. Mas esta força, afirma Grandmaison e, parece-nos, com inteira justiça, poderá ser excitante, inspiradora, mas nunca **criadora,** porque isto entra já no domínio das virtualidades pessoais.(11)

Aplicada à génese do cristianismo, a teoria mítica aparece-nos como uma exorbitância histórica. Se Strauss não põe em dúvida a existência de Cristo, que diremos das posições flutuantes de tantos que o seguem como os representantes da «Nova Escola Mítica»?

Das fontes pagãs retemos intencionalmente apenas um daqueles testemunhos que não é susceptível de suspeição, e assim nos pomos a salvo de qualquer reparo dos cultores da «Nova Escola Mítica», pois que não se atreverão a contestar a ausência de qualquer mistificação em tais informes. Dos «Anais» de Tácito transcrevemos um passo alusivo ao expediente de Nero para se libertar da imputação de incendiário. Referindo-se aos cristãos escreve: ...«Auctor nominis eius, Christus, Tiberio imperante, per procuratorem Pontium Pilatum supplicio effectus erat...» Não será esta a mais concludente prova da existência de Jesus; é-o, contudo, suficientemente para que prescindamos de mais citações duma literatura que se não é pródiga, também não é inteiramente omissa em referências semelhantes. Contra factos não há argumentos nem mesmo o possível messianismo exaltado das massas proletárias, ciosas duma evasão ou dum judaismo atribulado, herdeiro de grandes promessas e maiores esperanças, incapazes de criar o Messias, o **paradoxal** Cristo do Evangelho... Houve um Homem nascido num presépio em Belém que perfez trinta anos sem história, exercendo o ofício de carpinteiro, que durante três anos percorreu, sem sucesso as terras da Palestina, concitando o ódio de muitos e granjeando a amizade de poucos, que morreu por condenação injusta supliciado numa cruz, vaiado pelos homens e aparentemente abandonado por Deus. Mas neste homem surpreende-nos a mais maravilhosa harmonia do pensamento e da acção; O seu olhar penetrante desvenda o íntimo das conciências com as suas dramáticas

ansiedades; das suas palavras se desprendem soluções eternas para condenação dos vícios e salvação das almas. Ilibado de qualquer mancha, constitui-se intrépido defensor dos valores religiosos e morais sem excluir da sua amizade os desvalidos, os fracos, os pecadores. É este homem que se arroga poderes sobre-humanos, que se afirma maior que Salomão, preexistente a David, Senhor do Tempo, Senhor do «Sábado», Senhor das leis, Senhor da vida e da morte, Filho de Deus, igual a Deus, uno com Deus. A sua mensagem é a mais desconcertante pedagogia da vida e a sua vida a mais ousada apologia da existência.

O Novo-Testamento é a revelação de Cristo como «Sacramento» do Pai: ...«ninguém jamais viu Deus, mas o Filho único do Pai que está no seio do Pai no-Lo fez conhecer»... (João 1/18; cfr. Heb. 1/1-2). Este Deus que é tão essencialmente Uno como Trino, desafio a toda a lógica humana, não pode ser concebido como uma mitificação, a não ser que a qualifiquemos de caprichosa e não é normal entregar a vida para defender caprichos.

Cristo aparece como a mais viva contradição a toda a expectativa messiânica dos Judeus, tradição deformada sem dúvida alguma pelas condições de sujeição que lhes foram impostas e nada consentâneas com o favoritismo Divino a que estavam acostumados. «Non veni solvere sed adimplere» — são palavras d'Aquele que se apresenta como verdadeiro Deus e verdadeiro Cristo prometido aos homens. Os primeiros cristãos judeus na maior parte admitindo a Cristo não julgaram renegar Aquele Deus de quem todos os dias diziam e continuariam dizendo ...«ouve ó Israel o Senhor teu Deus é um Deus único», é que eles tinham visto as suas obras, as «mirabilia Dei e não fecharam os olhos à luz, doutro modo a sua atitude teria sido bem diversa: rasgar os vestidos e gritar: blasfémia!

É nisto, em tudo isto que assenta a nossa mais iniludível certeza de que a comunidade cristã aderiu a uma pessoa e não a uma ideia. Strauss falhou sobretudo por falta de observação psicológica: O sobrenatural de tal modo esplende nos Evangelhos projectando-se luminosamente sobre a pessoa de Cristo e a sua actividade que pretender subtraí-lo equivale a aniquilar mesmo toda a Sua realidade humana, pois se cria uma realidade insólita, grotesca, mutilada: tal é o elo que vincula e insere em Cristo o divino no humano.

O Cristo de Paulo e João será convertível ao Cristo Sinóptico? Mais uma questão a dirimir.

As coordenadas resolutivas do problema encontram-se na análise cuidada das obras em causa, isto é, da índole dos autores das diversas circunstâncias de composição tais como: finalidade, destinatários, elementos cronológicos, factores mesológicos e políticos, etc. — trabalho de projecções gigantescas que transcende o âmbito das nossas possibilidades. Nem por tal desistimos duma breve consideração daquilo que pensamos ser essencial na resposta.

As epístolas paulinas não são instruções didácticas destinadas a informar os primeiros cristãos sobre a vida e ensinamentos de Jesus — (este conhecimento supõe-se adquirido) mas antes escritas de circunstância muitas vezes redigidas para regular uma questão especial ou acudir a dificuldades particulares de cada Igreja. É evidente, e está longe de ser um elemento despiciendo que o testemunho de

S. Paulo é fortemente marcado pelo jeito místico do seu espírito. Não quer isto significar, contudo que desconheça a vida humana de Jesus e que Cristo para Paulo se resuma num ser celeste.

Para além da índole literária das cartas do apóstolo temos de ter na devida conta a reacção que procurava junto dos judeo-cristãos muito atreitos a fixarem-se sòmente no Cristo segundo a carne, fiel cumpridor da lei.

A dogmática paulina não é, de facto, tão insólita, que deixe de merecer o respeito reverencial, mesmo religioso, por parte das comunidades cristãs tão apaixonadamente conservadoras da «Traditio». A união na fé apostólica é uma das realidades mais palpáveis da primitiva Igreja. Admitir de ânimo leve, sequer a possibilidade de adulterações ou intromissões é uma incongruência imperdoável. O próprio Apóstolo se declara inserido na linha tradicional da fé apostólica: a sua doutrina foi confirmada por Pedro, Tiago e João «colunas da Igreja» — (Cfr. (Galat. 2/9; 1.ª Corint. 15/3).

A quase totalidade dos críticos racionalista rejeitam «in limine» o IV evangelho sob o pretexto de que não passa «dum teorema religioso com aparência de história» escondendo sob alguns enunciados simbólicos e alegóricos uma concepção do cristianismo toda ela aparentada com as concepções religioso-filosóficas vigentes ao tempo e divergentes estruturalmente da tradição sinóptica.

Como em todos os erros, a verdade quase sempre existe embora em diminuta proporção. É incontestável a existência duma contextura diversa entre os três primeiros Evangelhos e o escrito Joanino que não se limita a fornecer-nos uma colectânea dos dados da tradição cristã e que faz pressentir uma preocupação pessoal, um esforço apaixonado do discípulo que quer mostrar a grandeza do mestre, «cheio de graça e de verdade». A fria objectividade dos sinópticos sucede-se agora uma exposição doutrinal ordenada, entrecortada de comentários vivos e de reflexões pessoais; ampliada por informações inéditas cujo alcance não passou despercebido ao espírito clarividente do discípulo «que Jesus amava»; veiculada por vezes através duma terminologia semelhante à das escolas filosóficas de então, mas semelhança apenas verbal que em nada faz perigar a sua originalidade.

Estará nisto a vulnerabilidade do IV Evangelho? Confessamos ser muito pouco...

ANTÓNIO HENRIQUE

(Continua)

O PROBLEMA RURAL

CURSO DE ESTUDOS SOCIAIS EM AVEIRO

De 22 a 25 de Julho passado realizou-se em Aveiro, no edifício do Seminário, um Curso de Estudos. Esteve na sequência de outros vários que o Centro de Acção Pastoral daquela diocese tem promovido quase ano após ano. Este o segundo dos que versaram temas sociais, desta vez «O Problema Rural».

Embora diocesano, o Curso não deixou de estar aberto a pessoas doutras dioceses e algumas o frequentaram, entre sacerdotes e leigos.

Agradável impressão se colheu de ver que o laicado também ali ocupou o seu lugar — lugar que já adquiriu, de direito e de facto, em cursos anteriores — na demonstração, afinal, de que a Salvação é obra da Igreja, na qual também os leigos estão de facto empenhados — ou eles não sejam Igreja. E mesmo que o problema não fosse deles, isso não obstava a, em assuntos respeitantes tão sòmente à pastoral do sacerdote, poderem dar um contributo valiosíssimo, ajudando a objectivar os juízos sobre o real, os critérios e os métodos de acção. Neste «Problema Rural», porém, a todos os títulos deviam marcar a sua presença. Ao lado da simples verificação dos problemas, com a sistematização das coordenadas, estes cursos conseguem a formação dos que os frequentam. Em problema tão concreto como o que se pôs e duma acuidade tal que vai alarmando o domínio religioso e as esferas económico-sociais, e mesmo políticas, impõe-se à Igreja a disponibilidade de todas as suas forças vivas — clero e laicado.

O facto desta realização não ser inédita, antes ter adquirido já uma continuidade digna de apreço, faz com que possamos considerar tais Cursos de larga projecção na vitalidade da diocese. Deve reconhecer-se que não pode prescindir-se duma boa «educação» para cursos deste género, e a estabelecer-se o confronto dos primeiros para os últimos como tem observado S. Ex.ª Rev.ma o Bispo da Diocese, verifica-se com agrado como o clero(1) se vai mostrando sempre mais adestrado. Esta verificação não pode deixar de alegrar o Pastor, bem como os seus diocesanos.

Além da consequente repercussão na obra de evangelização e pastoreação cristãs, deve notar-se que a diocese é de restauração recente, quer dizer, uma diocese ainda jovem que há-de tornar-se adulta na medida em que se lhe souber moldar a alma. Nascida de parcelas extraídas das dioceses de Porto, Viseu e Coimbra, tem necessidade, para se realizar, da consciência duma personalidade própria, personalidade essa que brotará de uma vida diocesana ajudada por um conjunto de tradições ligadas à sede episcopal e ao Bispo, único chefe da única grei. Ora tais Cursos vieram com uma oportunidade flagrante ao encontro desta necessidade embora não tenham sido pensados directamente para isso.

O Seminário, saído do sangue de toda a diocese, e a pessoa bem amada do falecido Sr. D. João Evangelista de Lima Vidal, constituiam mais vincadamente

os dois factores da consciêncialização diocesana. Cremos bem que estes Cursos se colocam na mesma linha. Não que ensinem a ser da diocese quem porventura o não fosse (não é o caso); mas pelo contacto comunitário de sacerdotes e leigos de todas as regiões diocesanas, pelo estudo das questões na sua generalidade e concretizadas neste ou naquele sector diocesano, pela inquietação comum com os problemas que estando sob a responsabilidade directa de alguns nem por isso devem deixar de preocupar os outros, pelo enriquecimento colectivo que resulta do estudo ou da actividade apostólica de qualquer cursista, pelo clima de entusiasmo cristão patente em todos os actos — olhos postos no mundo da existência onde o fermento do Reino de Deus urge que actue num ritmo mais acelerado — sem receio se pode asseverar que para além do simples conhecimento humano e científico, estes Cursos estimulam o sentido eclesial, foco de irradiação da Verdade divinamente esclarecedora e do Amor unificante.

Um apostolado capaz não pode forjar-se ao sabor do engenho de cada um. É obra conjunta, é a Igreja que se move. Só esta lhe dá garantias de êxito. Há-de por conseguinte manifestar-se em Igreja. Será esclarecido, será uno, comunitário, estará estruturado na linha hierárquica da Igreja — ùltimamente em Cristo. Isto são predicados a que se procurou atender exigindo dos cursistas «presença interessada, espírito de colaboração, confiança mútua, simplicidade no trabalho, comunidade de oração, espírito sobrenatural».

Os homens vêem. Uns, porque estão à espera de brecha para seguirem além nos seus intentos; são quase sempre os primeiros. Outros, alarmados, procuram ir em socorro com a preocupação de expulsar o intruso. Generosos, tentam alguns lançar soluções mais positivas. Economistas, sociólogos, políticos, não fazem mais do que retalhar o homem e o seu mundo. Procurar-se-á o homem, ou a «terapêutica» será ditada por razões de ordem económica, social ou política? Temos de colocar a coisa no seu justo plano: antes do problema «agrário» está o problema do homem do campo. É o homem que importa colocar no seu lugar.

«O trabalhador dos campos representa ainda a ordem natural querida por Deus, isto é, que o homem deve dominar pelo seu trabalho as coisas materiais e não ser dominado por elas», disse Pio XII. Para isto mesmo chamou a atenção S. Ex.ª Rev.ma o Sr. D. Domingos no discurso de abertura que fez, dizendo: «O mundo reclama a aplicação dos princípios fundamentais da sociologia cristã aos seus problemas angustiantes, tornando-se imperativo de consciência, tanto para os Estados como para os particulares, debruçarem-se sobre eles, em busca duma solução humana e cristã... Em todo o problema económico, em todo o regime social, em todas as estruturas sociais encontra-se o **homem.** No centro de toda a questão social está o homem com as suas exigências, os seus direitos, as suas apirações a uma vida humana, a uma vida cristã, civilizada; é uma personalidade que precisa realizar-se plenamente».

E como chegar ao homem, como saber acertadamente dar satisfação às «suas exigências, seus direitos, suas aspirações»? Amando-o — tal foi a mensagem das poucas mas valiosas palavras do Senhor Bispo do Porto, no encerrar das duas

sessões a que presidiu no primeiro dia do Curso. Amor e amor efectivo, que convença ainda os incrédulos.

* * *

No programa diário colocava-se o Santo Sacrifício como acto primeiro. A parte da manhã era completada com uma lição e sequente troca de impressões.(2) A tarde era preenchida com duas lições, finalizando-se os trabalhos do dia com a bênção do Santíssimo Sacramento.

O tema — «O Problema Rural» — foi tratado em três planos — económico, social e religioso — ocupando-se um dia com cada um deles e tendo-se reservado um outro para estudo e aprovação dos votos e conclusões. Com esta seriação dos assuntos, numa escala ascendente de valores, visou-se o homem do campo situado em presença dos factores da natureza e da técnica que procura dominar, no mundo da sociedade onde se deseja ver-se integrado com toda a sua personalidade, e na dimensão religiosa onde há-de ir buscar o sentido mais profundo da sua vida terrena — uma vida que se prolonga para além da morte.

Com as lições do 1.ª dia — **Panorama da agricultura portuguesa actual,** pelo Prof. Eng. Agr. Eugénio de Castro Caldas; **Agricultura e progresso técnico,** pelo Dr. José Pequito Rebelo; **Corporações e associações agrícolas,** pelo Eng. Agr. Manuel Rodrigues — analisou-se, como atrás referi, o aspecto económico do problema rural.

O Prof. Castro Caldas fez observar como o ritmo de transferência de população agrícola para outras actividades, designadas secundárias e terciárias, se acentuará mais na medida em que os métodos agrícolas forem modernizados. A aparente impressão, perante o facto da redução da população agrícola em todos os países, de que a agricultura favorece cada vez menos o trabalho ao agricultor, deve entender-se, com efeito, no sentido de que cada vez se trabalha menos segundo a forma tradicional e que grande parte do excedente de braços ocupados no amanho directo do campo sofre uma deslocação para actividades industriais ou serviços ligados à agricultura, como por exemplo na confecção de máquinas, alfaias, adubos, insecticidas, etc.

Examinou o conferente a estrutura agrária e sua distribuição actual com as soluções que se levantam já e para o futuro, a estrutura e densidade populacional agrícola, os factores económicos da produção. Considerou a preparação técnica e profissional necessária ao agricultor, a conveniência da regulamentação do regime de arrendamento e do fomento de novas explorações agrícolas e agro-pecuárias.

Na outra lição, falando-se da técnica agrícola e da sua necessidade nos aspectos rudimentar e mais desenvolvido, concluiu-se igualmente pela necessidade dum progresso racionalizado de modo a inibir os beneficiários dos efeitos imediatos

desastrosos: «uma técnica autóctone, nacional e nacionalizante», nas próprias palavras do Dr. Pequito Rebelo. E não se havendo esquecido o homem, procuraram-se algumas soluções, entre as nacionais e as estrangeiras, com as quais possa fazer face às múltiplas necessidades suscitadas já pelos problemas enumerados.

Acerca do movimento associativo, foi patente nas opiniões de todos como ele há-de ser fomentado não ao «nível de infância escolar», mas tendo em atenção o modo de ser natural do agricultor, seus gostos e preferências, dado ser ele o principal interessado numa elevação rural; elevação essa que há-de resultar precisamente da força da sua inteligência e do seu braço, necessitados sem dúvida de estímulo e auxílio.

A visão do social foi desenvolvida nos trabalhos seguintes: **Êxodo rural**, pelo Padre António Alves Correia de Resende; **Emigração externa**, pelo Padre Aníbal Marques Ramos; **Perspectivas sociais da evolução do mundo rural**, pelo Padre Albano da Costa Vaz Pinto.

O primeiro conferente descreveu a posição das gentes de hoje na vida paroquial em contraste com o círculo de vida comunitária à volta da igreja que vai correndo o perigo de se perder se não for adaptado aos novos moldes sociais. Perante o facto da inferior valorização do trabalho e produtos agrícolas, estudou os movimentos de fuga para situações que proporcionam empregos fixos e mais remunerados, de que é índice o aumento crescente da frequência escolar nos ensinos secundário e técnico. Aliás, este aumento deve explicar-se também à luz do que foi dito sobre a revolução dos métodos agrícolas, sendo certo que muitos destes estudantes se destinam a actividades subsidiárias da lavoura. Falou dos ranchos migratórios de trabalhadores e das suas deficientes condições de trabalho, salário, alimentação, alojamento — promiscuidade de sexos, idades e condições, por vezes procurada, ou quase sempre consentida, por capatazes e patrões egoístas ou indiferentes — tentando encontrar na vontade de amealhar do povo português, na libertação do poder dominativo familiar (o que constitui um desarmamento psicológico perante as más solicitações) e na falta de trabalho nas terras de origem, algumas das razões que levam os rurais a corresponderem ao apelo que dos seus braços fazem em regra regiões de cultura extensiva e fraca densidade populacional. Falou depois do movimento migratório para o Ultramar português e das tentativas de melhoria (algumas delas fracassadas), acabando por analisar os fundamentos básicos do presente estado social: o direito da propriedade e suas funções, o trabalho — reduzido a objecto de compra e venda — o salário, o industrialismo e mecanização — com os consequentes desenraizamento e menor emprego de braços.

A emigração externa reveste-se dum interesse especial para a diocese de Aveiro que fornece um contingente elevado de emigrantes, encontrando-se o expoente máximo(3) no concelho de Estarreja. O Padre Aníbal Ramos começou por precisar a necessidade e o direito da emigração externa; apresentou uma visão

panorâmica da população mundial, da emigração em Portugal (resumiu em alguns pontos o comunicado sobre este assunto feito na Assembleia Nacional pelo deputado Dr. Manuel Homem de Melo) e na sua dimensão distrital e diocesana, caracterizando com algumas notas a emigração para o Brasil, Venezuela e E. U. A. Elucidou os cursistas sobre a acção da Santa Sé e de alguns organismos católicos em ordem a facilitar ao emigrante o cumprimento dos seus deveres religiosos (p. ex., prorrogando para todo o ano o prazo do cumprimento do preceito pascal — enc. «Exsul familia»), a chamar a atenção dos particulares e autoridades várias para esta causa, e a protegê-lo e favorecê-lo de forma adequada. Seguidamente referiu os problemas levantados por este fenómeno demográfico: de ordem familiar — quebra da fidelidade conjugal, falta de autoridade paterna na educação dos filhos; de ordem nacional — vibração patriótica diminuída, dificuldade por isolamento de informações e apreciações justas dos problemas nacionais, esquecimento da língua; de origem religiosa — arrefecimento da fé «tradicional». Acabou por sugerir uma maior projecção do Dia do Emigrante, maior contacto entre a paróquia de origem e os emigrantes, mobilização de sacerdotes para este apostolado com a formação de grupos rotativos e especializados para assistência nas viagens, um entendimento mais eficiente com a Santa Sé e organismos nacionais, entre eles a Junta de Emigração.

A realidade do rural apresenta-se com os seus problemas estendidos a todos os quadrantes mundiais. Tal não passou despercebido a Pio XII; todavia a previsão da evolução social é difícil dado que não é susceptível de experimentações científicas provisórias para prognosticar estados definitivos. Após esta introdução passou o Padre Vaz Pinto a sistematizar a evolução social presente nas seguintes linhas mestras: digno acesso ao trabalho — função subsidiária da máquina; digno acesso à economia e a uma cultura específica para agricultores; participação do laicado na vida do Corpo Místico. Criticou as hipóteses atomista, monista e pluralista na evolução social, das quais a última é a única que salva o homem reconhecendo-o valor individual que mantém com a sociedade uma reacção mútua. Deve ter-se em vista a integralidade do homem no progresso social; ele é vítima dum progresso do corpo conseguido pela técnica que não foi acompanhado dum movimento simultâneo do espírito. Numa segunda parte do trabalho, reservada às perspectivas futuras da evolução do mundo rural, o Padre Vaz Pinto disse que as perspectivas sociais dum homem cristão assentam numa perspectiva de eternidade, na certeza da vitória de Cristo e das promessas da Ressurreição. Caracterizou a família e a comunidade rural futuras. «A comunidade é condição de salvação. As paróquias isoladas serão insuficientes para projectarem eficientemente o trabalho dos pastores de almas», no pensamento de Pio XII. A era do homem social seguir-se-á à era do homem económico, e o padre precisa de estar sensível à instituição social da vida rural. Falando das horas livres e da sua ocupação pelas artes e divertimentos, afirmou que «o divertimento é uma actividade complementar do trabalho». A Igreja está nisto comprometida; no dizer do Reitor do Instituto Católico de Paris, a Igreja, se quer acompanhar este movimento, «tem

de vir para a rua, para o ar livre». Esta evolução há-de ser fruto dos homens e dos factos, e para que nela se encontre o fermento cristão, o conferente alvitrou finalmente a criação de equipas de sacerdotes e leigos que se dêem ao estudo destes problemas.

Na última série de trabalhos encontravam-se as lições: **Organização paroquial dos meios rurais segundo as normas da sociologia religiosa,** pelo Padre Dr. Francisco Inácio Pereira dos Santos; **Sociologia religiosa aplicada,** pelos seminaristas teólogos Mário Ferreira Bacalhau e Fernando Jorge Micael Pereira; **A Acção Católica nos meios rurais,** pelo Padre Aurélio Granada Escudeiro.

A primeira lição começou-a o conferente apresentando o quadro da vida paroquial presente, com os problemas intra e extra paroquiais, apontando as deficiências nos chefes das comunidades, o laicismo anticlericalista difundido no povo português e manifesto num clima de desconfiança e aversão, e o comunismo que se vai tornando realidade inquietante graças às injustiças que vitimam o trabalhador rural. Magnìficamente explanou as exigências do apostolado na vida rural: deve ser sobrenatural, pairando bem acima da técnica, do método, da agitação, da propaganda, que por vezes o podem limitar; exercido muito acima das preocupações políticas (e pensámos nós como nem sempre o clero sabe inibir-se do enfeudamento político ou suas aparências, dando ensejo às verberações anticlericais e à acusação de que a Igreja é a responsável do mal-estar económico e social, mas também como muitas vezes é impedido de pregar o ensino da Igreja que se diz pôr em perigo o estado social); comunitário, o que resultará duma vivência da doutrina do Corpo Místico de Cristo e da participação sacramental (os sacramentos, com efeito, não são só fontes de enriquecimento individual mas sinais de vida eclesial, comunitária); participado entre os sacerdotes e com o laicado; realista e integral: visando o homem todo, corpo e espírito, reconhecendo que a vida cristã está dependente muitas vezes da situação económica; procurando inserir o sobrenatural no natural e não banir este; enquadrando-o no apostolado social. Referiu as dificuldades que barram o prosseguimento de muitas iniciativas, como sejam a falta de preparação do próprio clero e duma educação associativa das massas, a desconfiança das entidades governamentais e a falta de eficiente direcção nos planos nacional e diocesano. No entanto propôs que se continuasse no apostolado das conferências de S. Vicente de Paulo, Centros de Assistência Paroquial, Património dos Pobres, Colónias de Férias, Casas de Trabalho, assistência aos ranchos, etc.

O segundo trabalho constava da apresentação e análise de alguns dados duma experiência realizada no concelho da Murtosa nas férias do verão de 1957 e que teve como finalidade estudar a prática religiosa nas paróquias. Mário Bacalhau desenhou os meios geográfico e sociológico do concelho, fazendo algumas considerações sobre a distribuição geográfica, o movimento demográfico, as comunicações, o movimento religioso, as actividades, etc. Numa segunda parte Fernando Micael comunicou os resultados do inquérito feito à prática dominical, analisando-a

nas diversas freguesias por estados, idades e população flutuante. Colhemos a impressão de que se palpam sintomas duma fé tradicionalista em perigo de crise.

As palavras do Padre Aurélio Escudeiro vieram carregadas do testemunho pessoal de quem de alma e coração se dá ao apostolado do campo, observando em contacto directo e sentindo sacerdotalmente os problemas com que se debate o meio rural. Pela sua lição se conheceram aspectos novos no complexo de causas e efeitos da questão rural, fazendo considerar a mentalidade nascente assim equacionada: incultura, baixo nível de educação, falta de preparação para a vida; deficiente situação económica da família falha de preparação para a sua missão educadora; desorientação duma juventude vazia, sem amor às tradições cristãs, cultivando a banalidade, ignorante dos verdadeiros valores, sem pureza, sem ideal, sem alegria. «Apesar de tudo — afirmou — o campo continua a ser fonte da raça, da ordem e do trabalho». Não podendo a Igreja tomar as rédeas do mando da cidade terrestre à maneira de força centrípeta chamando a si todas as actividades, ela tem agora de actuar no mundo por meio do escol laico de modo a conseguir que todas as actividades humanas sejam insufladas do espírito cristão. E esta missão há-de ser realizada pela Acção Católica em qualquer meio e nomeadamente no rural agora considerado. Acção Católica que tendo as promessas de perenidade de que é dotada a Igreja — «ela não passou nem passará, há-de enterrar-nos a todos», afirmou o Cardeal Saliège — não se destina a nenhuma missão específica, antes se prolonga onde se prolonga a Igreja. Continuará, por conseguinte, aberta ao meio e aos seus problemas. Terminou por depor toda a sua confiança nos êxitos da Acção Católica da qual há a esperar a criação dum espírito cooperativo, a difusão dum espírito católico que implica adesão à Igreja, à Hierarquia, que dá o verdadeiro sentido da vida, do trabalho, da família, da caridade e justiça sociais.

Após esta breve resenha das várias lições, resta-nos apresentar as conclusões e votos assim formulados:

CONCLUSÕES

1.º — É necessário e urgente fomentar, entre os agricultores, o espírito associativo e de ajuda mútua e também a melhoria da sua actividade pela adopção de equipamento técnico apropriado ao meio, onde se realiza a cultura, a fim de beneficiar a sua produção, facultando consequentemente um nível de vida compensador e digno.

2.º — Este indispensável equipamento técnico não deve transformar a vida agrícola numa actividade industrial, mas sim conservar-lhe todo o aspecto de exploração de tipo familiar.

3.º — Também é da maior necessidade disciplinar e dar uma consciência séria e humana ao movimento migratório, tanto interno com externo:

a) — se a emigração é interior, incluido neste caso o povoamento do Ultramar, prestando-lhe toda a assistência precisa, seja qual for a função tomada pelo emigrante;

b) — se é externa, não descuidando o cuidado assistencial, mas empregando todos os meios dignos e possíveis para a limitar ao mínimo inevitável e ainda para a transformar, caso se possa, em consciente povoamento do Ultramar.

4.º — É indispensável ainda, para revalorizar a vida rural, activar e intensificar o apostolado e reanimar assim a Fé nos nossos meios rurais, tornando-a consciente e livre de rotinas, simultâneamente pessoal e comunitária, cultivada no sentido das realidades terrestres, sobretudo das vicissitudes e transformações que o progresso fomenta e introduz.

VOTOS

1.º — Seja instalada finalmente em todas as paróquias da Diocese a Acção Católica, particularmente na sua modalidade agrária, e empregue todo o seu zelo, em estreita união com o clero, em recristianizar as populações dos nossos campos, vítimas da ignorância e de actividades e propagandas malsãs.

2.º — Em todas as paróquias, mormente nas atingidas de modo especial pelo movimento migratório, procure o Pároco juntar a si leigos prudentes e conscienciosos e com eles empregue todo o cuidado em formar nos que pretendem emigrar a consciência clara de que não vão apenas facultar o esforço da sua actividade laboriosa, mas também o exemplo das suas virtudes de cristãos convictos, e também prestar toda a assistência possível aos emigrantes, quer internos, quer destinados a outros países.

3.º — Para criar consciência dos graves problemas que afectam a vida rural e da melhor maneira de investigar os meios de se lhes dar solução digna, promova o Centro de Acção Pastoral um estudo dos factos, formas e estruturas sociais, bem como da vida religiosa, e das relações entre esta e as estruturas sociais e grupos profanos, à maneira de cursos periódicos de formação, sobre temas de doutrinação social e necessidades reveladas por inquérito ou comunicadas ao C. A. P. em forma digna de atenção.

ALTINO ALMEIDA

---

(1) Os leigos só foram admitidos nos dois últimos Cursos.

(2) Houve quem ficasse desapontado com o pequeno lugar que se deu à troca de pontos de vista. Estava na mente dos realizadores colocar em primeiro plano o carácter didáctico do Curso; por isso as sessões foram predominantemente ocupadas com a leitura das teses. Talvez um meio termo entre o predomínio absoluto das discussões e a exclusividade das teses passivamente escutadas, facilitasse a assimilação dos temas. Os organizadores terão certamente reflectido neste ponto, de modo a não voltarem a distribuir os trabalhos como desta vez.

(3) Entenda-se este «expoente máximo» não numa totalidade absoluta, mas relativamente ao saldo fisiológico do mesmo concelho. Com este são quatro os concelhos em que o saldo fisiológico é por vezes ultrapassado pelo número de emigrantes, e seis em que é absorvido mais de 50%.

A PROPÓSITO DA NOSSA CATEQUESE

No mês de Outubro, em que há sempre novos planos e propósitos renovados, recomeçámos nós também a actividade catequística.

Mal iria aos nossos planos se os elaborássemos com a mira de um aumento de números na estatística final. Cedermos à tentação da quantidade seria, de resto, condenar-nos à desilusão, dado que dispomos de 69 catequistas apenas, dirigentes incluídos, para um total de 2.300 crianças.

Que pretendemos então?

O primeiro passo para qualquer movimento pastoral é conhecer com precisão e clareza o que se pretende. Contando-se a catequese entre as actividades pastorais, parece pois essencial que a direcção saiba o que se propõe ao acolher os catequistas, e estes o que procuram ao ir dar catequese.

Ora, pensamos que é fundamental assentar com clareza o princípio de que a organização da Catequese no seminário se não destina primàriamente a auxiliar as paróquias mais necessitadas entre as vizinhas, dignas aliás de todo o interesse, mas a completar a formação dos seminaristas, proporcionando-lhes um bom campo-escola, onde os futuros sacerdotes possam em primeiro lugar treinar-se na difícil arte de contactar com a criança e com o grupo, e em segundo lugar na de saber descobrir e estudar, no âmbito mais vasto de um sector, os problemas e os processos de catequese, bem como as dificuldades de cada caso concreto; e tudo isto dentro dos moldes fecundos de um trabalho em equipa.

* * *

Referimo-nos, em primeiro lugar, ao treino do catequista no contacto com crianças. Sabemos que esta adaptação não é das mais fáceis; mas todo o padre terá de lidar com pequenos, formando-os espiritualmente, e em muitos casos ensinando-lhes o catecismo na Paróquia ou dando aulas de Religião. Parece-nos também que, embora em alguns assuntos o técnico possa não ser um prático e o dirigente não ser um realizador, neste, tal não sucede. Há-de saber pois dar catequese quem tiver de escolher e formar catequistas. Tudo isto se condensa num imperativo: o primeiro dever da nossa catequese será «ensinar a dar catequese».

Assim formulado, o problema salta os limites do seminário e põe a nossa curiosidade em diálogo com o saber e o interesse do Senhor Prior, em cuja paróquia há tantos catequistas a ensinar e bastantes auxiliares que para tal se preparam. Se houvéramos de receber resposta, faríamos então as perguntas seguintes:

1 — *Que* tenta ensinar o catequista?
2 — Sabe *a quem* vai ensinar?

3 — *Como* procura ensinar?

4 — *Que faz* ele para levar a criança a viver o que aprende?

Tentemos para cada pergunta um breve esquema de resposta; que ela seja simultâneamente esquema de trabalho para os nossos dirigentes, responsáveis pela formação dos seus catequistas.

1 — O objecto da catequese será necessàriamente a Revelação e Mensagem de Deus à criança, em ordem a uma resposta condigna numa vida cristã. A nosso ver, esse trabalho supõe, da parte de quem ensina, *preparação doutrinal* regular, *critério* justo para a apresentação dos temas e, antes de tudo, *visão recta* da missão que lhe foi confiada.

No nosso caso, e neste primeiro ponto, torna-se patente a vantagem sobre qualquer centro, porquanto nem a formação doutrinal nem tão pouco a distribuição dos temas ao longo do ano nos preocupam grandemente. Devemos dizer, porém, que tal não sucede já com a última alínea apontada — a visão recta da sua missão. Na verdade, não ignoramos que o catequista inapto pode limitar-se a «leccionar religião» ou ministrar um ensino teórico das verdades da fé, quando devia «transmitir à criança a Mensagem de Deus, de modo a provocar uma resposta pessoal». Nem esquecemos que este erro se pode generalizar entre nós, dado que na maioria dos casos estamos ainda reduzidos à aula de Religião nas escolas. Para que tal não suceda, necessário se torna que o catequista compreenda e sinta a diferença radical entre aquela aula de Religião nas escolas e uma catequese paroquial devidamente organizada. Só então estaremos certos de que o sacerdote de amanhã não vai tranquilizar-se no cumprimento do dever catequístico, com a ida semanal às escolas da paróquia.

2 — Interrogávamo-nos, em segundo lugar, sobre o conhecimento que o catequista há-de ter da criança a quem ensina.

A este propósito devemos confessar que o encontro com pequenos dos meios e classes mais diferentes, oprimidos, muitos deles, pela miséria ou problemas congéneres, sofrendo as mais variadas influências — entre elas a do protestantismo — constitui para nós um óptimo contacto humano. E embora se diga que ele resulta naturalmente, a verdade é que será tanto mais proveitoso quanto melhor preparado. Se entre nós essa preparação não ultrapassa muito os rudimentos da psicologia geral, não é porque a não desejemos desenvolver; nem tão pouco desconhecemos as vantagens que daí resultariam para uma conversa depois da aula ou uma visita familiar (coisas que aliás fazemos e reputamos proveitosíssimas numa catequese).

Sucede, porém, que os curtos momentos tirados para a catequese ao dia a dia do seminário, não comportam aquele aprofundamento, como não permitem a multiplicação destes encontros. Nem isso nos preocupa: o nosso intento é lançar sementes, o que significa que não vamos (porque não podemos) intentar uma catequese modelo, mas aprender e inferir, do meio e possibilidades que se nos deparam, o que requer essa organização modelar.

Em resumo, diremos que, no capítulo da descoberta da criança, dada a limitação de trabalho, o nosso principal objectivo estará em levar o catequista a con-

vencer-se do muito que vale o conhecimento particular de cada criança (para o que contribui a obrigação do preenchimento de fichas), e o saber tirar, da observação progressiva da turma, as deduções convenientes para o ensino que vai dar em nome da Igreja.

3 — O *como* dar catequese, pondo-nos o problema dos métodos, suscita ainda a curiosidade por todos os processos pedagógicos, sejam eles o desenho, o canto ou o diálogo.

Reconhecida a sua importância, na cadeira de pedagogia, importa agora verificar a sua eficiência numa aprendizagem experimental onde, à medida que se vão superando inibições, se vão também comparando os diferentes processos. Sucede porém que o reduzido número de vinte e poucas aulas (tantas são as que prevemos), e as condições deficientes em que por vezes temos de trabalhar (como a de um vestiário para 50 crianças), nem sempre permitem tal aprendizagem.

Não se julgue que tudo vai do jeito que há ou do treino que se tem, nem se responda que um gráfico no quadro todos o saberemos fazer. Infelizmente e para nosso mal, é quase só nesta linha de espontaneidade que temos trabalhado. Se com tal desleixo não acentuámos o terrível defeito de uma pastoral improvisada, pecámos, pelo menos, ao perder uma oportunidade óptima de nos obrigarmos a uma seriedade nos processos e a um aprofundamento dos meios.

Uma pequena reflexão sobre a psicologia infantil mostra suficientemente que redundará em benefício para a catequese tudo quanto se fizer no estudo e desenvolvimento dos mais rudimentares processos pedagógicos. Permito-me uma citação: «Sem perder de vista, muito embora, que não serão necessàriamente os melhores métodos que farão os melhores catequistas, não poderemos contudo deixar de reconhecer a enorme importância que os problemas da metodologia hoje em dia revestem, não só no campo da formação geral da criança, como no da sua formação religiosa»(1).

Quanto a nós, algo se fez já no emprego de alguns métodos. A necessidade de fugir a uma repetição, na escola, da lição da catequese paroquial, obrigou-nos a uma apresentação do catecismo predominantemente bíblica; um ano de experiência levou-nos a concluir que o método requer melhor preparação.

Se exceptuarmos a projecção fixa e o desenho, verificamos ter dispensado pouco cuidado a outros processos práticos como o gráfico, o diálogo, a mímica e... o canto! É a altura de darmos a mão à palmatória para apanhar dos que têm feito mais com possibilidades menores. Crendo porém que o recurso descontrolado ao canto infantil não seria grandemente proveitoso, julgámos conveniente fazer para ele uma preparação técnica e pastoral, ainda que sumária.

Quem nos ler dirá talvez que problema tão pequeno não merece cuidados tão grandes. Mas, para fugir à deseducação de uma experiência sem estudo, e invocando ainda aqui o princípio de que estamos formando quem amanhã será formador, julgamos melhor trabalhar no estudo atento de cada processo, consoante

---

(1) «Curso de Iniciação Catequística», pág. 27.

as possibilidades, com vista a que entre os interessados e entendidos possa haver «especializações» a seu modo. Assim, o presente ano dedicá-lo-emos sobretudo ao desenho infantil. Visando um conhecimento e emprego mais largo das suas possibilidades, pedimos já o contributo de mestres na matéria, que certamente nos darão a oportunidade de alguns encontros.

4 — Perguntávamo-nos, por último, qual a iniciativa do catequista para levar a criança a uma autêntica assimilação da mensagem de Deus (prolongamento e objectivo do ensino). Neste ponto fundamental, não poderemos fazer tudo quanto desejaríamos e consideramos de real interesse.

Contra a oposição ou indiferença do meio ambiente em que vive a criança, só o apoio continuado de uma catequese paroquial terá influência considerável. No entanto, temos em nossas mãos o ponto de partida: ministrar o ensino de tal maneira que o pequeno filho de Deus se não limite a ouvir, mas a seu modo saiba aceitar e contemplar o mistério. Poderemos dar a sugestão para a semana, mas torna-se-nos impossível acompanhar a criança na vida familiar e até, pelo menos por agora, na vida sacramental.

Para além disto, algumas actividades apenas, que não ultrapassam, de resto o âmbito da própria aula: o culto (com flores, etc.) de uma pequena imagem da Virgem no mês de Maio, a veneração da Cruz ou da Bíblia, a visita ao cemitério no dia de fiéis defuntos e à igreja no fim de cada lição...

Também aqui, o mais importante será manter no catequista a convicção e preocupação de que o seu ensino não é nada enquanto se não transformar em VIDA; por isso mesmo, da escola há-de encaminhar a criança para a igreja.

Intentámos, no que fica exposto, dar uma breve nota sobre o que julgamos dever ser a formação integral dos nossos catequistas. No fim de tudo, não podemos esquecer que estamos no Seminário, o que significa que teremos de dar em embrião o que lá fora vão fazendo os Institutos Superiores e mesmo Post-Seminários. Quer isto dizer que, se pretendemos não só formar catequistas, mas ainda iniciar orientadores, teremos de, na meia hora das reuniões semanais e na hora das quintas-feiras, levar o catequista, através da sua experiência e da do seu sector, a apreciar devidamente e a *fazer passar a convicção* as ideias que a cadeira de catequética lhe proporcionou e ainda a apanhar os princípios básicos da orientação e da actuação no trabalho catequístico.

Tê-lo-emos conseguido nos anos anteriores?

* * *

Procurámos há semanas o Rev.mo Secretário Diocesano, a quem fizemos algumas perguntas sobre a eficácia da acção dos párocos no movimento catequístico do Patriarcado.

Alegra-nos verificar que os nossos antigos dirigentes são hoje os visitadores regionais ou os directores dos melhores centros. Mas S. Rev.ª mostrou-nos também como, pondo de lado a hipótese do desinteresse, se faz por vezes — e muitas — um

trabalho sem rendimento, porque sem bases. Apontou-nos alguns defeitos capitais, e em primeiro lugar, porque mais geral, colocou o pouco cuidado no recrutamento e formação de catequistas. Seguidamente — e este é erro mais grave — indicou-nos o desleixo ou mesmo despreocupação em organizar a catequese. Tristemente se verifica que, em alguns lugares, ela está ainda reduzida a um grupo de piedosas senhoras que, durante uma hora, falam de religião às crianças; em muitos casos, ultrapassado este rudimentarismo, vive-se num regime de improviso, por se julgar desnecessária a organização estatuída. Por último, lamentou-se S. Rev.ª da falta de ligação ao movimento e às orientações diocesanas, o que, além de privar o centro de uma actuação acertada, origina, a quando da mudança de pároco, verdadeiras revoluções, porque... é diferente o «critério». Também aqui o individualismo mata a pastoral, impedindo que, pelo acatamento daquelas orientações, esteja sempre garantida a necessária continuidade entre o que parte e o que vem.

A nosso ver é de lamentar que, na maioria dos casos referidos se encontre não a falta de interesse, mas a falta de uma recta visão sobre os fundamentos em que hoje tem de assentar qualquer centro de catequese.

Seria imperdoável que, por descuido da organização catequística do nosso Seminário, o número dos que falham continuasse a engrossar. Correremos no entanto esse perigo se limitarmos o catequista apenas à sua sala. Para que tal não suceda, necessário se torna que ele esteja presente aos problemas e iniciativas do sector, que sobre eles faça um juízo e para eles, em debate fraternal, encontre um caminho. Como sempre, a missão dos dirigentes não estará tanto em pedir trabalho, mas sobretudo em abrir perspectivas.

ALBINO CLETO

CRÓNICA

O dia 27 de Setembro chegou rápido. Não admira, era o dia do regresso de férias. Pela vigésima oitava vez se abriram os majestosos portões do Seminário. Abraços para aqui e para acolá; contam-se aventuras destes quase três meses de ausência; as escadas e os corredores são imensamente concorridos; enfim, chega-se de férias!

É novidade no seminário a presença dos Rev.os Padres Dr. Manuel Luís, chegado de Roma onde cursou música, e Abílio Cardoso, que deixando os «miúdos» de Santarém veio até nós. Para suas Reverências, as nossas cordiais saudações. Aos nossos irmãos recém-chegados de Almada, desejamos que tenham entrado em boa hora no Seminário Maior; e a algumas vocações tardias que vieram enriquecer as nossas fileiras, que Deus os conserve entre nós.

Ultimados os cumprimentos instaurou-se a ordem, e com o terço às sete e meia, iniciou-se a vida em comum.

O segundo dia foi de adaptação. Os velhos recordaram o que em Julho tinham deixado, e os novos, muitos deles, conheceram coisas que ainda não conheciam. À tarde no anfiteatro o Sr. Vice-Reitor deu as boas-vindas à comunidade, e anunciou oficialmente aquilo que por via não oficial toda a gente sabia já: Os filósofos vão ter um regímen diferente dos teólogos e portanto, separação absoluta. À noite começou o retiro, que este ano apenas durou três dias.

Dia 2 de Outubro: Aulas. De manhã missa votiva solene do Espírito Santo, como é felizmente costume. É a melhor maneira de encetar o ano escolar. Às nove, animaram-se as salas de aulas. Que tal será o professor? perguntam os que ainda o não conhecem, que método usará? enfim uma série de perguntas cuja resposta virá com o decorrer do ano.

No seminário vive-se em cheio. No pavilhão sul os filósofos entregues aos cuidados do Sr. Dr. Fernando Maurício e do Sr. P.e Abílio Cardoso. No pavilhão norte os teólogos com os demais Padres.

Logo nos primeiros dias realizou-se aqui um curso para os professores dos seminários menores do Patriarcado. Tivemos a alegria de ver entre eles alguns dos que há ainda pouco tempo foram nossos colegas. Tentaram ainda medir forças com a equipa de futebol dos teólogos mas foram vencidos por 3-1. A propósito deste curso a equipa de cinema organizou um programa com a exibição do interessante filme «Emílio e os detetives».

Dia 6 de Outubro: — Após a ceia o Senhor Vice-Reitor anunciou: «Segundo as últimas informações o Santo Padre está gravìssimamente enfermo; parece mesmo ter recebido já os últimos Sacramentos». Começou aqui uma atmosfera de apreensão que durante alguns dias pairou sobre nós. Irá o Papa morrer? No dia seguinte não há assunto de maior interesse. Os jornais são intensamente consultados mesmo pelos que não são apaixonados pela sua leitura. Toda a gente pergunta: como está o Papa? a resposta é animadora: O Santo Padre melhorou. Volta a alegria e a esperança. Em breve porém as notícias se tornam alarmantes: Nova crise do Santo Padre, agora acompanhada de graves complicações. Estão pràticamente extintas as esperanças. No dia 8 à noite a todo o momento se espera a triste notícia que chegou no dia 9 de manhãzinha. Após a meditação foi anunciado: «O Santo Padre faleceu esta manhã. Haverá missa solene por sua alma».

A morte de Pio XII foi entre nós muito sentida. Em sinal de luto estiveram algum tempo encerradas as aulas e os desportos suspensos.

Dia 10: — Missa Solene de «requiem». À tarde tivemos solene ofício de defuntos e no dia 11 uma celebração litúrgica. Tudo em

sufrágio do grande Papa. No dia 15 a nossa polifonia participou nas solenes exéquias nacionais que se realizaram na Sé.

Foram entre nós seguidas com grande interesse todas as actividades do Vaticano na inumação do Papa defunto e nos preparativos para a eleição do novo Sumo Pontífice.

Dia 28: — Foi grande a nossa alegria quando na tarde deste terceiro dia de conclave ouvimos directamente pela rádio Vaticano a boa nova de que era branca desta vez a nuvem de fumo que se elevava da chaminé da capela Sistina, e algum tempo depois o «gaudium magnum» solenementea nunciado ao orbe inteiro: «Temos Papa». O Eminentíssimo Cardeal Patriarca de Veneza Angelo José Roncalli, fora eleito para a cadeira de Pedro e escolhera o nome de João XXIII. Com profundo respeito recebemos a primeira bênção do novo chefe da Santa Igreja, e imediatamente nos dirigimos à capela para cantar o «Te Deum».

As cerimónias da coroação de S. Santidade João XXIII, no dia 4 de Novembro foram por nós seguidas com grande interesse.

Começaram as actividades catequísticas. No dia 15 de Outubro na capela do Seminário sob a presidência do Senhor Cónego Gregório Neves prestaram juramento os dirigentes e receberam a sua missão os novos catequistas. No dia imediato fomos às escolas «semear» Deus no coração daquelas crianças.

A academia de S. António iniciou no dia 26 as suas actividades em reunião presidida pelo senhor Vice-Reitor e com a presença do Rev.º assistente. O presidente abriu a sessão e com ela o novo ano. Falaram seguidamente os representantes dos campos de férias de Salir-do-Porto, Tremês, S. Gregório e Fanadia e Olhalvo. Na segunda reunião realizada no domingo seguinte falaram os restantes.

Os campos de férias são realmente de extraordinária utilidade não só pelo bem que se faz mas principalmente porque preparam excelentemente para apostolado futuro.

Dia 1 de Novembro: — Passeio grande. Os filósofos foram até ao Telhal onde assistiram à profissão de alguns irmãos de S. João de Deus.

Os teólogos foram até à Quinta das Areias em Vila Franca.

A associação de S. Condestável, este ano presidida pelo Félix, promoveu, comemorações solenes em honra do seu patrono, como não há memória. A festa litúrgica de S. Nuno, que ocorreu no dia 6, constou de missa solene pedindo a canonização do grande Condestável.

O restante programa foi assim elaborado: no dia 4 defrontaram-se no nosso estádio as equipas de futebol dos dois pavilhões. A vitória sorriu com justiça aos teólogos que bateram por 4 bolas a 2, os filósofos. Realizaram-se ainda mais dois desafios um de basquetebol, ganho pelos teólogos, outro de andebol de sete, de que sairam vitoriosos os filósofos.

DIAMANTINO MARQUES

Bibliografia

LA LOI DU CHRIST

Théologie Morale à l'intention des Prêtres et des Laïcs.
Tome I — Théologie Morale Générale.
por Bernard Häring, C. ss. R.
(Tradução-adaptação francesa dos Padres Redemptoristas de Dreux).

Este livro aparece como uma revolução na apresentação didáctica da Moral, em sequência, aliás, do movimento surgido já no século passado numa Alemanha em reacção contra o casuismo do iluminismo.

É evidente que a apreciação do livro neste movimento ideológico não compete a um aluno do 1.º ano de Teologia, e se com tão pouco balanço me atrevo a apresentá-lo em público, isso se deve a ter-me sido pedido apenas um testemunho sem pretensões, da importância que ele teve no meu estudo desse primeiro ano.

Não poderei no entanto deixar de apresentar ràpidamente a orientação dada pelo autor à obra.

* * *

Uma moral teocêntrica e simultâneamente personalista não pode deixar de ser essencialmente religiosa, isto é, resultante dum diálogo entre Deus pessoal e a Pessoa humana criada à sua imagem e semelhança. Diálogo de duas palavras: a Palavra de Deus que envolve o homem num Apelo de amor, a palavra deste, resposta-responsabilidade duma liberdade totalmente «engagée».

Importa, porém, não confundir religião, resposta directa em fé, esperança e caridade, e moral, resposta indirecta, através das coisas criadas, com o assumir do risco que toda a situação particular impõe. Neste sentido, é importante frisar que o autor coloca como conceito central duma moral religiosa o de responsabilidade.

Claro que o cristianismo traz uma luz nova à moral, embora não modifique a linha essencial apontada. Cristo, ao mesmo tempo que manifesta duma forma visível a Palavra de Deus — Deus que ensina o homem a amar — resumindo o Apelo divino, assume também em Si a resposta pessoal de cada um de nós que não pode agora fazer-se senão por Ele e n'Ele.

A Pessoa de Cristo apresenta-se-nos como a Verdade (Ele é a nova Lei); como a Vida (essa Lei é uma Lei de graça); e como o Caminho — «vem e segue-Me» — e por isso a moral cristã é essencialmente Imitação de Cristo.

Esta a perspectiva rasgada de Bernard Häring, que não é senão a perspectiva do Evangelho — de S. João nomeadamente — e de S. Paulo, e que ele encimou com o sugestivo título: «A Lei de Cristo».

* * *

O esboço da linha central do autor, se não o trai, já elucidará bastante sobre o papel que o seu livro pode ter no nosso estudo de hoje e na nossa pregação de amanhã. Os nossos compêndios — e dizê-lo é lugar comum — estão ainda demasiado sujeitos a uma orientação casuística da Teologia Moral cujos objectivos essenciais são os de preparar bons juízes para o confessionário e ajudar o penitente a confessar-se com objectividade. Mas se isso é realmente função da Teologia Moral, não é certamente a única nem a mais importante; e nem sequer uma visão tão parcial permitirá atingir satisfatòriamente aqueles dois objectivos.

Creio que a prudência maternal da Santa Igreja não permitirá que se prescinda desses compêndios enquanto este esforço que Häring explicita não amadurecer suficientemente, mas podemos no entanto beneficiar desde já de livros como este, vivificadores e completadores (mas por ora apenas completadores, insisto) do tantas vezes árido estudo de distinções a que somos obrigados, em vista, aliás, à vida de cada dia.

A ajuda a um esforço pessoal de unificação (que é indispensável depois de qualquer distinção destinada a facilitar a análise) e de ligação ao Evangelho, a Cristo sempre vivo na sua Igreja e face a cada um de nós, é, me parece, o primeiro grande mérito de Häring.

E gostaria de salientar um segundo que não sei se será dissociável do primeiro: o cuidado do autor em se manter fiel ao ensino da Igreja, através quer da Sagrada Escritura — e vejam-se os pequenos resumos que no início dos assuntos principais expõem a respectiva doutrina bíblica, — quer da Tradição, quer do seu Magistério Vivo — e observe-se que os autores mais citados são Santo Agostinho, S. Tomás e Denziger, — cuidado esse aliado a uma abertura constante aos valores do pensamento de hoje, nomeadamente nas análises fenomenológicas com que é estudado «o Homem chamado a seguir Cristo».

Muito úteis e propícios a sínteses das matérias são os pequenos resumos antes de cada assunto, bem como as ligações duns capítulos aos outros.

E saliento também a preocupação do autor em não entrar no campo do Direito Canónico, hoje possível já de ser estudado à margem da Moral como lhe compete.

* * *

Exemplificando, procurarei ilustrar estes aspectos diversos nalguns pontos em que Häring me foi especialmente útil.

— Insiste o autor em voltar, de acordo aliás com o pensamento de hoje que tanto se debruça sobre o facto encarnação, à sã e realista concepção aristotélico-tomista da unidade do ser humano, corpo composto de dois co-princípios substanciais, espiritual um e material o outro. Reage assim contra uma tentação «espiritualista» (ia a dizer gnóstica) que corre o risco de não entender a posição fundamental dos dogmas da Encarnação e Redenção de Cristo no conjunto da doutrina católica, bem como da dimensão encarnada da Igreja e da sua vida sacramental.

Häring mostra que por ter o pecado atingido aqueles dois co-princípios, deve todo o esforço de santificação ser um esforço de recuperação da unidade no agir, em correspondência com a unidade essencial que se mantém. E depois de propor à nossa meditação este princípio fundamental de ascese: «é um dever moral não desprezar nenhum dos recursos do corpo e do espírito e cultivar o conjunto num equilíbrio justo e numa ordem harmoniosa», acaba esclarecendo que é fundamental «não pôr entre parêntesis a Cruz de Cristo», que aliás as nossas fraquezas e quedas constantemente nos lembrarão.

Deste dado inicial decorrem três estudos muito breves mas plenos de sugestões e perspectivas novas de algumas dimensões do homem:

— pessoa em comunidade

— integrado na história mas transcendendo-a

— explicitador do culto do Universo ao Criador

terminando por mostrar a luz plena que recebem essas dimensões na Igreja de Cristo.

— A liberdade é apresentada como perfeição pura à imagem e semelhança da liberdade de Deus, dom metafísico mas conquista psicológica, que a graça de Cristo fará desabrochar plenamente na santa liberdade dos filhos de Deus.

Eis um exemplo típico de caldeação de conceitos escriturísticos, tomistas e personalistas (aliás, em acordo com a melhor tradição ascética cristã) para nos fazer chegar a uma conhecimento mais profundo do Homem (cujo estudo tanto interessa à Moral).

Entre as perspectivas que aqui se me abriram cito o problema do mérito, que, mais do que resultante do volume das dificuldades a vencer, é fruto do amor com que se adere à vontade de Deus. E comecei a compreender melhor o «sim» da Virgem Maria na Anunciação, bem como o seu papel na Redenção; e os próprios méritos redentores de Cristo, que mais não fez que cumprir em tudo e perfeitìssimamente a vontade do Pai, me apareceram a uma luz nova, iluminadora simultâneamente da nossa caminhada espiritual, imitação que deve ser da do Mestre.

— Acerca da consciência referirei apenas como as múltiplas distinções que o compêndio nos ensina foram aqui unificadas harmoniosamente por um conceito vivo de «faculdade tendente à unidade do agir», «grito do ser orientado para a salvação», que me permite agora uma base mais firme para encarar os problemas do futuro.

Häring — diga-se em complemento do que foi dito atrás — se não abusa das distinções, usa todas as que são necessárias com a preocupação constante de unificar: o seu estudo do homem não é estudo de faculdades isoladas, mas de aspectos de um ser que age em totalidade.

— A respeito de normas de moralidade e de leis, que por vezes nos aparecem com aspecto tão antipático, ensinou-me o autor ser toda a norma autêntica tradução dum valor e assim apelo pessoal a cada um vindo d'Aquele que é Fonte de todos os valores.

Em corolário, obediência quer à lei quer à Autoridade legítima nunca é limitação da liberdade mas apelo em ordem a uma adesão mais esclarecida e amante à vontade do Senhor. Por outro lado, lei e ordem só terão força de obrigação quando correspondam à descoberta dum valor real que leve àquela adesão maior. E se isto frequentemente não pode ser julgado por quem obedece, impõe a quem legisla ou manda responsabilidades graves.

* * *

Estes alguns dos aspectos que mais marcaram a visão da Realidade que, em perspectiva cristã, procuro criar em mim.

Referi-me apenas ao 1.º volume, único que conheço, mas o segundo já está publicado e o terceiro prometido para breve.

Para prever a possíveis desânimos saliento desde já a maior dificuldade que se me deparou: a extensão do livro (não terei lido mais que metade dele) aliada à sua grande densidade. Não é livro que se leia de corrida, antes desafio constante a um esforço de reflexão, mais abrindo perspectivas que resolvendo totalmente os problemas. E mais difícil (e também proveitoso) se torna pela preocupação constante em fazer a ligação ao Dogma e à Sagrada Escritura por um lado, e ao pensamento moderno por outro (com a dificuldade grande resultante de terminologias variadas).

Esforço constante, disse, e tanto mais quanto o tempo de que dispomos é sempre curto; mas compensador, e nos balanços finais é isto que conta.

FERNANDO BELLO

TERESA NEUMANN

TERESA NEUMANN, a estigmatizada — Ennemond Boniface — Edições Itinerário — Porto, 1958. Um vol. de 304 págs., formato 15x22.

Há pessoas, perdidas na Terra, que Deus parece associar mais ìntimamente do que outras à obra prodigiosa da Redenção: vidas por vezes apagadas, humildes, em que apenas duas características ressaltam de forma admirável mas patética: a Caridade e a Dor. Dor que se apresenta com todos os matizes, dor que penetra as fibras mais íntimas do ser, dor que só tem sentido num contexto de amor e que fora dele é espanto e desespero, dor que é um pretexto para a Caridade se afirmar mais plenamente e que ùnicamente por essa razão é redentora: a Cruz só é salvação para a humanidade quando é o fruto de uma loucura de Amor.

Em Konnersreuth, pequena aldeia da Baviera, na Alemanha, há quarenta anos que uma mulher sofre e ama; e esse amor crucificado leva Deus a esquecer-se dos pecados dos homens e a derramar sobre eles as suas graças. Essa mulher é Teresa Neumann.

Ennemond Boniface, jornalista francês, resolveu escrever uma reportagem acerca dela, mas a verdade é que a documentação abundante e bem seleccionada exige um qualificativo mais apropriado: se *antes de tudo* pretende ser uma «reportagem», *acima de tudo* nos surge como um «testemunho». Livro escrito com equilíbrio e bom senso, não se propõe, por isso mesmo, *canonizar* a estigmatizada bávara em nome da Igreja; com tudo, no fim de lermos o volume é difícil não partilhar a crença do autor: temos perante nós uma verdadeira mística, um desses seres privilegiados que no mundo garantem a realidade do sobrenatural e contribuem da maneira mais eficaz para a salvação dos homens.

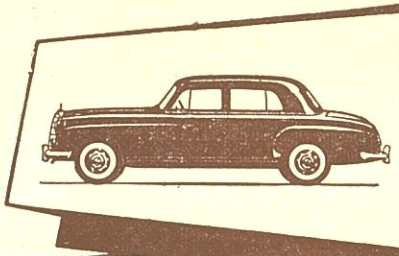
Este 3.º volume da Colecção *Presença do Espírito* é traduzido por Aníbal de Castro que aqui e além poderia aperfeiçoar o seu trabalho. Mas fora isto, pareceu-nos bem.

É uma obra cuja leitura só pode ser proveitosa, mas temos a lamentar o gosto duvidoso da capa que talvez dificulte a sua vulgarização em certos meios.

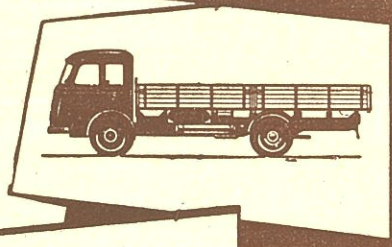
ANTÓNIO SERRÃO

MERCEDES-BENZ

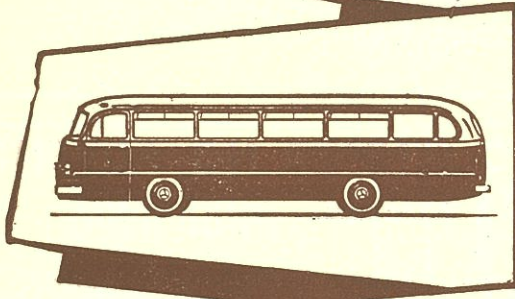
AUTOMÓVEIS
com motor a gasolina
e diesel



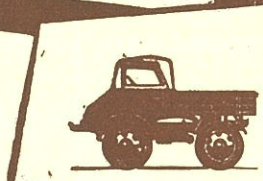
CAMIÕES DIESEL
para todas as cargas



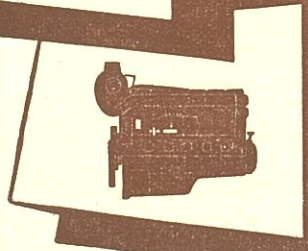
AUTOCARROS
DIESEL
para 33/35 41/43
lugares



UNIMOG
tractor para todo o ter-
reno, para fins agrícolas
e industriais



MOTORES MARÍTIMOS
E INDUSTRIAIS
para todos os fins e aplicações



Representantes

C. SANTOS L.DA

LISBOA PORTO COIMBRA BRAGA

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA

Casa fundada em 1832 — A casa mais antiga do País no seu género

Lustres, Lanternas, Placas, Castiçais, Lâmpadas, Suspensões, Banheiras, Caldeiras, Esquentadores, Fogões de cozinha

Instalações sanitárias, Casas de banho, Pára-raios, Aquecimento central, Ascensores, Ventilação Eléctricas, Contra incêndios, Telefone, Todos os trabalhos em latão e ferro forjado.

RUA DA VITÓRIA, 82-88 **LISBOA** **RUA DO OURO, 166-170**

Para que o povo cristão acompanhe
Domingo a Domingo a vinda do Deus
Menino Novellæ Olivarum editou:

O MISTÉRIO DO SENHOR NO ADVENTO

Preço 2$50

Contendo celebrações uma para cada Domingo do Advento.
Edição muito própria para colocar nas mãos do povo.

Cânticos para o Advento em fichas musicais:

Ó Infante suavíssimo (em 2 versões)
Exultai Virgem Formosa
Ó Céus Rociai
Preço $30 cada ficha

Não precisa de comprar um livro com muitos cânticos.
Basta uma ficha com o cântico que vai utilizar!



FUNDADA EM 1756

"Cenáculo"

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Exa. Revma. o Snr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO
Rua das Flores, 69

LISBOA
Praça dos Restauradores, 14

Sociedade Industrial Metalúrgica

S. A. R. L.

SERRALHARIAS

RUA DE S. TIAGO, 13 — LISBOA

C. Santos

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Revmo. Clero, e Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços. Exclusivos — Secção de cachecóis e lanifícios de cor.

DESCONTOS E PRAZOS

COVILHÃ

Cânticos da Assembleia Cristã

A ASSEMBLEIA CRISTÃ *reza e canta na Igreja. O canto une as vozes e os corações dos filhos de Deus acompanhando o viver da Igreja durante o* ANO LITÚRGICO *e os Salmos, Palavra de Deus, serão sempre grandes inspiradores dessa oração.*

10 Cânticos sobre os Salmos

Com acompanhamento de órgão ou harmónium pelo Rev. Dr. Manuel Luís (Prof. de Música e Regente da Polifonia do Seminário dos Olivais). Letra do P.e Fernando Melro.
I volume óptimo para Livro de Coro, em grande formato muito legível.
Estes cânticos estão também impressos em fichas de cartolina muito forte.

CADA FICHA $50

Extracto do indice:

Cântico triunfal (Ps. 23)
A União Fraterna (Ps. 132)
Súplica de Aflição (Ps. 12)
Deus Pastor do Seu Povo (Ps. 79)

Compre o volume para si e escolha fichas para os seus cantores

PEDIDOS AO SECRETARIADO DIOCESANO DE CATEQUESE

Campo dos Mártires da Pátria, 40 LISBOA

A participação na Liturgia é um problema que sempre tem preocupado NOVELLÆ OLIVARUM:

Em 3 de Setembro de 1958 publicou a Sagrada Congregação dos Ritos uma Instrução sobre Música Sacra e a Sagrada Liturgia, dando normas que abrem novos caminhos à participação litúrgica dos fiéis.

Rejubilando com o facto, publicou NOVELLÆ OLIVARUM um número especial inteiramente dedicado a esta Instrução:

A participação na Liturgia

Introdução jurídica pelo Rev. Dr. Manuel Alves Lourenço (Prof. de Direito Canónico)

Texto em português, tradução revista e comentada litúrgica e pastoralmente pelo Rev. P. José da Costa Ferreira (Prof. de Liturgia)

Ficha musical com a «Missa» recomendada pela Sagrada Congregação

Apresentação muito cuidada; edição vulgar e edição especial em papel offset

FAÇA OS PEDIDOS QUANTO ANTES

NB: *Todos os assinantes receberão um exemplar deste número*

Assinatura anual . . . . . [illegible]
Â cobrança . . . . . [illegible]
Número avulso . . . . . [illegible]
Para seminaristas de qualquer Seminário
Assinatura anual . . . . . [illegible]